

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

LEONIE GOMES GOUVEIA

**EMISSORAS DE RÁDIO DE NOTÍCIAS:
APERFEIÇOANDO A ARTE DE COMUNICAR ÀS PESSOAS DEFICIENTES
VISUAIS**

UFRJ/CFCH/ECO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

LEONIE GOMES GOUVEIA

**EMISSORAS DE RÁDIO DE NOTÍCIAS:
APERFEIÇOANDO A ARTE DE COMUNICAR ÀS PESSOAS DEFICIENTES
VISUAIS**

Rio de Janeiro

2009

Leonie Gomes Gouveia

EMISSORAS DE RÁDIO DE NOTÍCIAS: aperfeiçoando a arte de comunicar às
pessoas deficientes visuais

Monografia submetida à Escola de Comunicação
da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
parte dos requisitos necessários à obtenção do
grau de bacharel em Comunicação Social,
habilitação em Radialismo

Orientador: Prof Dr Gabriel Collares Barbosa
Co-orientador: Prof^a Dr^a Fátima Sobral Fernandes

Rio de Janeiro

2009

G719 Gouveia, Leonie Gomes

Emissoras de rádio de notícias: aperfeiçoando a arte de comunicar às pessoas deficientes visuais/ Leonie Gomes Gouveia. Rio de Janeiro, 2009.

81 f.

Monografia (Graduação em Comunicação Social)
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Comunicação. 2009.

Orientador: Gabriel Collares Barbosa
Co-orientador: Fátima Sobral Fernandes

1. Rádio. 2. Deficiência. 3. Informação.
I. Barbosa, Gabriel Collares (Orient.). Fernandes, Fátima Sobral (Co-orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Escola de Comunicação. III. Título

CDD:302.23

Leonie Gomes Gouveia

EMISSORAS DE RÁDIO DE NOTÍCIAS: aperfeiçoando a arte de comunicar
às pessoas deficientes visuais

Monografia submetida à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo.

Rio de Janeiro, 25 de julho de 2009.

Prof Dr Gabriel Collares Barbosa, ECO/UFRJ

Prof^a Dr^a Fátima Sobral Fernandes, ECO/UFRJ

Prof Dr Mauricio Lisovsky, ECO/UFRJ

Prof^a Dr^a Cristina Rego Monteiro da Luz, ECO/UFRJ

Dedico esta vitória primeiro a Deus por me dar a oportunidade de concluir a graduação.

Em seguida aos meus pais, Jorge e Silvia, por me apoiarem em todos os momentos da minha vida.

Aos meus irmãos, Leonardo e Nathalia, por terem me suportado neste momento tão difícil.

Ao Vitor por ter ouvido tantas lamúrias e reclamações.

AGRADECIMENTOS

A Maria Aparecida, responsável pelo setor da Educação Especial no Colégio Pedro II de São Cristóvão.

Aos professores Raimundo Dória e Leila do Colégio Pedro II de São Cristóvão.

A todos do Instituto Benjamin Constant, que me atenderam muito bem.

RESUMO

GOUVEIA, Leonie Gomes. **Emissoras de rádio de notícias**: aperfeiçoando a arte de comunicar às pessoas deficientes visuais. Monografia (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

Pesquisa sobre as características das rádios de notícia, descrevendo desde seu surgimento até o quadro atual, com a finalidade de conhecer um pouco mais o veículo. Dentro deste universo, escolheu-se tratar de um público específico, os deficientes visuais. Para tanto, tornou-se fundamental estudar o conceito de cegueira e as consequências da ausência total ou parcial do sentido da visão na vida das pessoas. Tendo estes conceitos amarrados, pode-se observar as expectativas e necessidades que as pessoas deficientes visuais tem em relação aos meios de comunicação. Passou-se, então, a levantar algumas questões a fim de que essa população tivesse a oportunidade de expor sua opinião sobre o veículo rádio. Através de dois grupos focais, foi levantada a relação dos deficientes visuais com os veículos de comunicação, com ênfase nas rádios de notícia, e identificadas as melhorias que o veículo poderia sofrer para melhor atender a todas as pessoas, independente de sua deficiência.

RÁDIO, DEFICIÊNCIA, INFORMAÇÃO.

ABSTRACT

GOUVEIA, Leonie Gomes. **Emissoras de rádio de notícias**: aperfeiçoando a arte de comunicar às pessoas deficientes visuais. Monografia (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

Research about the characteristics of the radio news, charting its rise up from the current framework, in order to know a little more about the vehicle. Within this universe, it was chosen to deal with a specific audience, the visually impaired. For that, it became essential the study of the concept of blindness and the consequences of total or partial absence of the vision in people's lives. Having tied up these concepts, you can see the expectations and needs that the visually impaired person has in relation to the media. Then, some questions were raised up so that this population had the opportunity to present their views about this type of communication vehicle. Two focus groups were outlined and discussed the relation of the blind with the means of communication, with emphasis on radio for news, and the developments that could be done to the vehicle in order to catch all people, regardless of whether their disability.

RADIO, DEFICIENCY, INFORMATION.

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A	Questionário das entrevistas	57
APÊNDICE B	Lista de entrevistados	58
APÊNDICE C	Transcrição grupo 1	59
APÊNDICE D	Transcrição grupo 2	72
APÊNDICE E	Transcrição grupo 3	79

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Contexto	12
1.2	Objetivo	19
1.3	Justificativa	20
1.4	Organização do trabalho	21
2	METODOLOGIA	22
2.1	Levantamento bibliográfico	22
2.2	Levantamento de campo	22
2.2.1	Universo	23
2.2.2	Amostra	23
2.2.3	Procedimento e instrumento de coleta de dados	25
2.2.4	Procedimento de tratamento dos dados	27
3	REFERENCIAL TEÓRICO	28
3.1	Nas ondas das rádios de notícia	28
3.2	Entendendo a cegueira	35
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS	43
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
	REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

Neste primeiro momento será traçado um breve histórico sobre o a trajetória do rádio no Brasil e sua consolidação como veículo de comunicação de massa. Além disso, descrevem-se os objetivos e a relevância deste trabalho.

1.1 Contexto

O rádio chegou ao Brasil trazido pelo escritor e cientista Roquete Pinto no início da década de 20. Na verdade esta é a versão mais conhecida. Segundo Almeida (2006) há registros de que o brasileiro Marco Aurelio Cardoso Moura, o padre Landell de Moura, realizou experiências de propagação do som, da luz e da eletricidade através do espaço, a partir de 1892 e 1893, em Campinas e em São Paulo. Porém, o êxito das experiências do Padre Landell não teve a devida acolhida das autoridades brasileiras da época.

A primeira transmissão oficial no Brasil aconteceu no dia 7 de setembro de 1922, como parte das comemorações dos 100 anos da Independência. A emissora foi instalada no alto do Corcovado. Foram importados oitenta receptores e distribuídos para alguns integrantes da sociedade carioca que tiveram o privilégio de ouvir de casa o discurso do então presidente Epitácio Pessoa. Após esse dia houve outras transmissões pontuais que logo foram encerradas por falta de interesse em sua continuidade. (HERMSDORFF, 2006).

Porém, a data de instalação da radiodifusão no Brasil ocorreu no dia 20 de abril de 1923 pela pioneira Rádio Sociedade Rio de Janeiro e contava com uma programação regular que incluía jornais falados, aulas e música. E no dia 15 de novembro de 1926 chegou a São Paulo pela primeira vez uma transmissão direta do Rio de Janeiro através da Rádio Educadora. Nesta época estimava-se em 26.000 o número de aparelhos receptores existentes no Brasil. O objetivo inicial atrelado a este veículo de comunicação era o de integração nacional e de educação. (ANDRADE, sd).

Até 1930 o rádio brasileiro resumiu sua missão àquilo que Roquete Pinto idealizava ser seu objetivo maior: promoção da educação e da cultura nacional. Vitoriosa a Revolução de 1930, Vargas e os tenentistas vislumbram

o potencial político e econômico do rádio e trataram de criar legislação específica reservando ao governo poder absoluto em relação ao novo e poderoso instrumento de comunicação. (ANDRADE, sd, p. 4).

Esta aproximação dos principais centros econômicos do país, possibilitada por um meio de comunicação fez com que o conceito de distância e isolamento social fosse repensado. Este acontecimento marca o início da integração informacional, já que esta começa a ser compartilhada a longas distâncias. Além disso, um dos pontos fortes do veículo está na democratização da informação, já que não dependia da capacidade de leitura das pessoas, levando-se em conta o alto índice de analfabetismo da época, que chegava a 65% da população maior de 15 anos de idade. (FERNANDES, 2003).

De acordo com Cabral (1996), por se tratava de um veículo novo, o rádio possuía um caráter que pode ser considerado experimental. No princípio, ouvia-se ópera através de discos emprestados pelos próprios ouvintes. Não havia jornalistas que escrevessem no formato das notícias radiofônicas e a música era, por vezes, uma solução para a falta de programação.

Até 1926 as únicas rádios que atuavam no Brasil eram a Rádio Sociedade e a Rádio Clube do Brasil. As duas emissoras apresentavam seus programas durante poucas horas e em dias alternados: a primeira transmitia as segundas, quartas e sextas, a outra as terças, quintas e sábados, já aos domingos não havia transmissão. Nesta época não era permitido por lei a veiculação de publicidade nas rádios. (ORTRIWANO, 1985).

Com isso, os proprietários das emissoras eram levados a recorrer a outros meios para arrecadar dinheiro. Segundo Gisela Ortriwano (1985), as alternativas utilizadas pelas emissoras eram receber uma mensalidade dos que possuíam os aparelhos receptores, por doações de entidades públicas e privadas, que não ocorriam com tanta frequência, e o mais comum era a criação de uma “sociedade”, em que esses “sócios” pagavam um valor mensal para terem seus nomes citados nos dias de transmissão.

Na década de 30 do século XX, ao chegar ao poder, Getúlio Vargas percebe o poder do rádio e em maio de 1931 assina um decreto criando uma comissão Técnica de Rádio escolhida por ele, abrindo espaço para a formação de uma rede nacional e garantindo ao governo a responsabilidade de autorizar a criação de novas

emissoras. Anteriormente, as emissoras obedeciam à legislação da telegrafia sem fio e da telefonia. (CABRAL, 1996).

Porém, Del Bianco (1999) afirma que os dois fatores que permitiram ao rádio um impulso histórico foi a introdução do rádio de válvulas, substituindo o de galena, que contribuiu para baratear os custos de produção do aparelho, e o decreto nº 21.111 baixado por Vargas no dia 1º de março de 1932 autorizando as emissoras a fazerem propaganda de produtos comerciais.

- Art. 73. Durante a execução dos programas é permitida a propaganda comercial, por meio de dissertações proferidas de maneira concisa, clara e conveniente à apreciação dos ouvintes, observadas as seguintes condições:
- a) o tempo destinado ao conjunto dessas dissertações não poderá ser superior a 10% do tempo total de irradiação da cada programa;
 - b) cada dissertação durará, no máximo, trinta segundos;
 - c) as dissertações deverão ser intercaladas nos programas, de sorte a não se sucederem imediatamente;
 - d) não será permitida, na execução dessas dissertações, a reiteração de palavras ou conceitos. (DECRETO N. 21.000, 1932)

Com a criação do rádio à válvula e, principalmente, essa medida tomada por Vargas, os receptores que só estavam disponíveis às classes média e alta na década de 20, passam a alcançar as massas através de receptores individuais com um preço menor já no meado da década de 1930, possibilitando a sua popularização e alcance a um público ouvinte mais amplo. O rádio passou a exercer influência e a ocupar posição de destaque na sociedade brasileira:

[...] primeira manifestação da Idade dos Meios Eletrônicos, o rádio desenvolveu os papéis de protagonistas ao som e à audição e apontou propriedades absolutamente novas para a comunicação à distância: recepção massiva e pluriclassista, longo alcance, instantaneidade, simultaneidade e interatividade. [...] guardou para si um lugar único [...] o de acompanhante. (SANZ, 1999, p.39).

A introdução da publicidade no veículo radiofônico acarretou mudanças na produção da programação, que passou a ser estruturada em bases mais duradouras. A função cultural-educativa do rádio cedeu espaço para os programas populares voltados ao entretenimento, a diversão. “Música popular, horários humorísticos, novelas, programas de auditório e concursos de rei e rainha do rádio eram alguns dos produtos oferecidos ao público numa programação pontilhada pelos ‘reclames’”. (MEDITSCH, 1999, p. 187).

Com o objetivo de manter esse padrão de qualidade e a competitividade do mercado, as emissoras passaram a se organizar como empresas. A improvisação que tanto marcou os programas foi superada pela organização profissional. Os programas começam a ser produzidos com antecedência e distribuídos e veiculados em horários fixos na programação. (DEL BIANCO, 1999).

No dia 12 de setembro de 1936 foi inaugurada no Rio de Janeiro aquela que iria se tornar na mais influente e importante emissora de rádio brasileira de todos os tempos: a Rádio Nacional. Foi fundada pelo grupo jornalístico “A noite”, mas em 1940, durante a vigência do Estado Novo, foi absorvida pelo governo federal e transformada na ponta de lança da propaganda varguista. Sua programação em quatro idiomas levava ao exterior a ideologia do Estado Novo e a imagem de uma potência em formação. (HERMSDORFF, 2006).

A Rádio Nacional, de acordo com Hermsdorff (2006) inventou programas que permaneceram no ar por décadas, tanto na TV como no rádio. Um grande exemplo disso é o Repórter Esso, que teve como seu mais famoso locutor de rádio o repórter Heron Domingues, e depois viria a se tornar programa da TV Tupi, de São Paulo, e demais Emissoras Associadas, de 1950 a 1970. Este programa anunciava suas notícias somente após reforçar seu famoso lema: “Aqui quem fala é o Repórter Esso, testemunha ocular da história”.

Segundo o autor, outras irradiações famosas que se tornaram programas de TV depois seriam os humorísticos Programa do Nhô Totico, da Rádio São Paulo, e Balança, mas não cai, da Nacional do Rio.

Com a popularização, através das radionovelas, irradiações esportivas e humorísticas, o rádio foi considerado a primeira grande revolução tecnológica da comunicação de massa no Brasil, como fonte de informação, educação e entretenimento. Todos paravam para ouvir as notícias e músicas preferidas; era o espaço para a valorização das sonoridades, através da música, das vozes e dos efeitos. E as vozes no meio veiculadas passaram a influenciar diretamente a vida da sociedade. (CABRAL, 1996).

Quando o rádio se tornou acompanhante da família brasileira, os empresários que detinham a posse dos meios de produção passaram a ditar regras e verdades. Isso ficou claro no incidente ocorrido nos Estados Unidos em 1938. A produção da emissora CBS, em Nova Iorque, no programa do ainda desconhecido cineasta Orson Welles, apresentou uma história sobre a invasão do planeta Terra por

alienígenas. Essa produção contou com jornalistas, repórteres, fundo musical e uma boa equipe de sonoplastia para dar veracidade à história contada. Esse conjunto de recursos ao contar essa história de ficção levou pânico para muitos ouvintes. Os efeitos dessa narração dramatizada fizeram com que muitas pessoas tomassem essa história como verdadeira. Em Boston, houve pessoas que subiram nos terraços de suas casas para tentar avistar as chamas da queda do disco voador ao sul de Nova Iorque. (FERRARETTO, 2001).

Aqui no Brasil os patrocinadores logo se interessaram pelo poder de dramatização e de influência que o rádio tinha na vida da população. Com isso começam a investir nas radionovelas.

A primeira radionovela veiculada no Brasil foi “Em busca da felicidade” do autor cubano Leandro Blanco, e ficou no ar pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro de junho de 1941 a maio de 1943. Esta novela obteve grande sucesso comercial e de público, o que levou a Rádio Nacional a investir no gênero. Outro texto também de origem cubana foi “O direito de nascer”, de Feliz Caignet. No elenco estavam Nélcio Pinheiro, Paulo Gracindo, Talita de Miranda, Dulce Martins, Lara Sales, entre outros. *O Direito de Nascer*, que foi considerado o maior sucesso jamais visto de radionovela nacional, com altos índices de audiência, surpreendeu a todos os críticos e a todas as previsões que afirmavam que o rádio-teatro era um gênero em decadência e que o público brasileiro não se interessava por longas tramas. (TRINTA, 1995).

Segundo Trinta (1995, p. 167) “as radionovelas da Rádio Nacional – que chegou a ter catorze delas no ar, simultaneamente – estiveram para os anos 40 e 50 assim como as telenovelas da Rede Globo para os anos 70 e 80”.

As radionovelas têm uma grande capacidade de criar imagens a partir dos sons. Cada ouvinte faz sua própria imagem dos personagens e ambiente através de sua capacidade física de percepção das ondas sonoras, suas experiências particulares, o grau de atenção dado ao que se ouvia, dentre outros. No rádio, as imagens baseiam-se na subjetividade de cada indivíduo, produzindo assim imagens acústicas, em que cada pessoa através de sua vivência cria o ambiente e os personagens da história.

Segundo Renato Ortiz (*apud* ANDRADE, sd) a radionovela surge no Brasil como um produto importado seguindo produzida pela Standard Propaganda, agência de publicidade que administrava a conta da Colgate - Palmolive no Brasil e

pretendia explorar uma fórmula já testada com sucesso nos Estados Unidos e em países latinos, oferecendo programas voltados às donas de casa. “A radionovela resgatava, de alguma forma, o imaginário popular reproduzindo através dos contos e casos do cotidiano simples e sofrido da brasileira típica da época: a dona de casa”. (ANDRADE, sd, p.8).

Surge, então, um campo fértil para o fortalecimento da propaganda, com o *merchandising*. E as radionovelas chegam na década de 40 do século XX para chamar a atenção das pessoas e também dos empresários, que começam a ver nesses programas uma forma eficiente de atingir o grande público. (HERMSDORFF, 2006).

Até meados da década de 1950, afirma Hermsdorff (2006), a Sydney Ross foi a maior patrocinadora das novelas, seguida por Antisardina: o creme da mulher feminina; Óleo de Peroba; Colgate – Palmolive; Toddy do Brasil e Perfumaria Myrta Eucalol. A partir de 1955, os patrocinadores começaram a variar mais, podendo ser encontradas empresas de eletrodomésticos como a Arno S/A e a Walita ou de roupas íntimas como a DeMillus, Mourisco ou Alteza.

No rádio os sons físicos propõem imagens mentais, a partir do momento em que ondas sonoras concretas desenvolvem nas pessoas o estímulo às sensações e a criação de imagens. Nesse momento havia uma valorização as sonoridades através das vozes, das músicas, dos efeitos aplicados e do silêncio. Na mente de cada ouvinte o mocinho e o vilão das radionovelas tinham traços diferentes e individuais. Cada um era livre para criar a imagem própria de seu personagem.

Com o surgimento dos programas patrocinados e dos comerciais o rádio passou a seguir as regras dos anunciantes, deixando de lado a preocupação com a experimentação e a capacidade de criação que o veículo proporcionava aos ouvintes. Ele passou a ser pautado pelos imperativos da audiência a qualquer custo:

Com a entrada do investimento publicitário terminava a fase da improvisação e ampliava-se a concorrência. Em São Paulo a Rádio Record saiu na frente ao profissionalizar um setor onde predominava o amadorismo. Contrata profissionais da melhor categoria que passam a constituir o quadro permanente (na época chamado de *cast*) e exclusivo da emissora. Segmentou a programação criando gêneros de programas que atendessem aos diversos interesses dos ouvintes. (ANDRADE, sd, p. 5).

Com a chegada da televisão no início da década de 1950, o rádio foi suplantado por este novo meio de comunicação que trazia em si um elemento de

poder indiscutível: a imagem. Assim, com o passar dos anos e com a melhoria das tecnologias de captação de imagem e som, o rádio perdeu grande parte de sua força para o novo veículo, mas conseguiu se manter firme como meio de comunicação procurando um novo espaço a se ocupado na vida das pessoas.

Segundo Silvia Borelli e Maria Celeste Mira (*apud* ANDRADE, sd) a radionovela perde espaço para a telenovela até desaparecer como programa radiofônico em 1973. Para as pesquisadoras, com a consolidação das telenovelas os sentimentos como risos, lágrimas, medos e ansiedades passam a ter um novo apelo, o estímulo visual. Além disso, o melodrama passou a ocupar novos territórios até atingir o auge da diversidade ficcional na televisão a partir dos anos 70.

A partir da década de 50 o Rádio teve que ceder lugar na sala de estar para a televisão. Diante da concorrência com um veículo de sons e imagens, que passa a disputar parcelas significativas do bolo publicitário, e da queda do padrão de qualidade nas transmissões das emissoras AMs apostou-se na extinção do rádio, o que não ocorreu devido à reformulação do veículo, reforçada pela invenção do transistor que deu mobilidade ao aparelho. O rádio deixou a sala, mas tomou conta dos quartos, da cozinha, dos carros e dos passeios ao ar livre. (DEL BIANCO, 1999).

Ao longo dos últimos anos a resistência do rádio foi testada várias vezes, mas a incorporação das tecnologias emergentes ajudaram este veículo a permanecer ao lado dos novos meios de comunicação. A inclusão de prestação de serviços, esporte e jornalismo na programação, a melhoria do som pela frequência modulada, as emissoras all-news e as redes via satélite foram algumas das transformações que o rádio sofreu para se manter no ar.

Porém, as características que observamos nas rádios comerciais atuais é a pouca variedade de programação, que se encontra segmentada em grandes blocos (religiosa, musical, de notícias), o uso excessivo de músicas, além de pouca atratividade por parte dos patrocinadores, se comparada à TV que hoje é a maior beneficiada pelos investimentos de publicidade.

Atualmente observa-se uma visível deficiência midiática, em que o rádio passou a ter um papel limitado devido às suas fórmulas desgastadas. Esse quadro é reforçado através da política de concessões, que no Brasil tem beneficiado um grande número de pessoas com objetivos apenas políticos e econômicos.

Geralmente são sujeitos fora do ramo da comunicação e que não se preocupam com a função social do rádio. (DEL BIANCO, 2001).

Pensando nos problemas que o rádio vem passando surge o questionamento sobre a utilização e funcionalidade do veículo. O rádio possui uma grande vantagem em relação à TV, por exemplo, devido a maior facilidade de acesso, ao baixo valor de custo, ao potencial de alcance, a partir do momento que não necessita de rede elétrica, além da capacidade de levar a informação aos analfabetos.

Outra potencialidade que o rádio não vem explorando é o fato de ser o meio de informação mais adequado aos cegos. Atualmente os deficientes visuais têm a possibilidade de utilizar técnicas as quais possibilita o acesso a livros e sites da Internet, através da evolução da tecnologia de impressão em Braille e a criação da Lei da Acessibilidade, que é parte do projeto brasileiro de inclusão digital para as pessoas portadoras de necessidades especiais. Porém, com o rádio os cegos podem ter acesso a informação em tempo real e de forma imediata sem precisar de outros aparatos tecnológicos para decodificar a informação.

Por isso, este estudo busca o entendimento de como este veículo atende e pode melhor atender os portadores dessa deficiência que poderiam ter o rádio como o melhor meio de comunicação.

Neste trabalho, não entraremos na discussão das rádios comunitárias, universitárias e educativas, que têm como foco um público determinado e, por isso, restrito. A intenção é estudar as principais rádios comerciais de notícia e como estas emissoras destinadas ao grande público podem melhorar para melhor atender a todas as pessoas, independente se sua deficiência.

1.2 Objetivo Geral

Identificar as necessidades de adaptação da linguagem radiofônica de notícias para melhor atender os deficientes visuais entre 18 e 21 anos.

A intenção não é criar uma rádio voltada para os cegos, e sim, ressaltar as alternativas que as rádios convencionais podem adotar para melhorar a comunicação com todo o seu público ouvinte.

1.3 Justificativa

Em primeiro lugar, a idéia de se fazer uma pesquisa sobre rádio encontra-se diretamente ligada à experiência adquirida a partir do curso de Radialismo.

Na tentativa de realização do processo de pesquisa sobre esse tema em particular, nota-se a falta de opções na hora da escolha de bibliografia de apoio para fundamentar possíveis propostas de mudança de linguagem que atendam ao segmento de ouvintes sob estudo. Os documentos encontrados, na maioria das vezes, tratam desse assunto tangencialmente. Essa lacuna por si só é um bom motivo para o desenvolvimento deste estudo.

Outro motivo para sua realização é a quase inexistência de projetos de conclusão de curso voltados para a pesquisa do rádio como veículo de comunicação.

Durante a vivência na universidade e, principalmente, na Escola de Comunicação, percebe-se um grande interesse dos alunos em relação aos meios e formas de comunicação de massa. Porém, os mais estudados são a televisão e o jornal impresso.

Na própria habilitação de Radialismo, agora com seu nome ainda não-oficial de “Rádio e TV”, tem-se a maior parte das aulas voltadas para orientar a produção de programas audiovisuais para a televisão e para o cinema. Muitos alunos de Radialismo nunca estagiaram em uma emissora de rádio. Isso ocorre não só pela falta de interesse dessas pessoas, mas também da falta de conhecimento que têm em relação ao assunto.

Por isso, esse trabalho torna-se relevante no sentido de despertar nos alunos o interesse por esse meio de comunicação tão rico e que necessita de novas pesquisas e de um longo processo de reestruturação, com o objetivo de alcançar novos públicos através de novas linguagens.

Considerando-se a necessidade de se atingir um novo público-alvo específico investiga-se a possibilidade de se criar programas e programações voltadas aos deficientes visuais.

Dentro desse processo, é necessário entender as necessidades desse público específico na utilização do rádio como veículo de informação.

Cabe ressaltar também que os deficientes visuais são capazes de utilizar os meios de comunicação atualmente, mas o que vai se investigar é em que estes podem tentar melhor atender a todas as pessoas, independente de suas diferenças.

1.4 Organização do trabalho

O capítulo 1 consiste em um breve histórico sobre o rádio no Brasil: como chegou, a primeira transmissão, as expectativas, o acolhimento pelo público e sua constituição como veículo de comunicação de massa. Além disso, aponta os objetivos e a importância deste trabalho.

No segundo capítulo, foi realizada a descrição e a informação da metodologia utilizada para escolher o público a ser ouvido, a faixa etária a ser analisada, o número de pessoas ideal para o sucesso da pesquisa, as perguntas a serem desenvolvidas pelos entrevistados e como as respostas serão expostas.

No terceiro capítulo, há um panorama sobre as rádios atuais em relação à linguagem, conteúdo, diversificação de programação com ênfase nas rádios de notícias e um estudo sobre a deficiência visual, suas implicações no desenvolvimento dos outros sentidos e o que diferencia em sua forma de comunicar. Foi fundamental recorrer ao Instituto Benjamin Constant, visto que é uma instituição de educação voltada aos deficientes visuais.

No capítulo 4, mostra-se a ligação entre o rádio e o cego, como eles utilizam o meio e quais as características que fazem do rádio o veículo de comunicação que melhor pode ser utilizado pelos cegos como fonte de informação. E também fica reservado para a análise do estudo. Neste tópico foram expostos os resultados da pesquisa e as mudanças que os deficientes visuais apontaram como necessárias para sua mais adequada utilização do rádio como meio de comunicação.

O quinto e último capítulo contém as conclusões alcançadas através da pesquisa e as recomendações de estudos que podem ser realizados a partir deste.

2 METODOLOGIA

Neste capítulo, foram detalhadas as formas de obtenção de bases teóricas para este trabalho, as instituições de pesquisa visitadas, e a escolha do público a ser analisado.

2.1 Levantamento bibliográfico

Antes de começar a pesquisa e ir a campo foram realizadas pesquisa em livros, teses e artigos, nas bibliotecas da Escola de Comunicação e do Centro Cultural Banco do Brasil, sobre a história do rádio e o desenvolvimento do jornalismo radiofônico no Brasil. Também foram consultados alguns artigos e sites na Internet.

Recolhidas essas informações, tornou-se necessário sistematizar todos os achados bibliográficos sobre o rádio no Brasil e sua repercussão, sua linguagem, seu conteúdo e programação adotados pelas emissoras de rádio de notícias atuais.

Após conhecer bem o veículo estudado, foram realizados estudos na biblioteca do Instituto Benjamin Constant, a fim de recolher informações sobre deficiência visual e constituir bases de conhecimento e análise do público a ser atingido. Além disso, foi necessário conversar com profissionais envolvidos com os deficientes visuais para ter orientações de ampliação do estudo.

Conhecendo mais a fundo as características do rádio e da deficiência visual, chegou a fase de escolher qual a fatia desse público deveria ser utilizada e que tipo de pesquisa seria realizada para que o trabalho alcançasse seu objetivo de apontar e debater a melhorias que as emissoras de rádio de notícias podem passar para melhor atender as necessidades dos deficientes visuais.

2.2 Levantamento de campo

A seguir, serão descritos a faixa etária a ser analisada, o número de entrevistados utilizados a fim de garantir o sucesso da pesquisa, as perguntas desenvolvidas com os participantes dos grupos focais e como as respostas serão expostas.

2.2.1 Universo

Segundo dados do Censo de 2000 (IBGE, 2009) o Brasil tem uma população estimada em 169.872.856 pessoas, sendo que cerca de 80% mora na área urbana. Vale ressaltar que todos os dados estatísticos apresentados neste capítulo foram baseados no Censo 2000 realizado pelo IBGE.

Os dados do IBGE relacionados ao número de deficientes visuais no país relacionaram 16.644.842 pessoas. Nesse Censo, foi definido como deficiente visual àquelas pessoas incapazes, com alguma ou grande dificuldade permanente de enxergar. Deste valor total, 13.189.917 residem na área urbana, que também equivale a aproximadamente 80% do total de deficientes.

Com a intenção de definir o público a ser entrevistado, foram selecionadas pessoas deficientes visuais moradoras da área urbana, que tivessem entre 15 e 24 anos. A escolha da faixa etária foi baseada na divisão adotada pelo IBGE: 15-19 anos e 20-24 anos.

O número total de jovens entre 15 e 19 anos na área urbana é de 14.401.006 pessoas. Os deficientes visuais com estas mesmas características somam 611.006 pessoas, que equivale a 4%.

Já os que estão na faixa de 19 a 24 anos chegam a 13.358.020 pessoas, sendo 626.408 deficientes visuais. Estes jovens equivalem a aproximadamente 5% do total de sua faixa etária.

2.2.2 Amostra

Com base nos dados citados anteriormente, foi planejada uma amostra de 32 pessoas, 16 jovens entre 15 e 19 anos, e mais 16 pessoas entre 20 e 24 anos, divididas em quatro grupos de oito pessoas.

Porém, alguns problemas no meio do percurso levaram a redução do número de entrevistados.

Uma das instituições escolhidas para recrutar jovens que se enquadrassem nas especificidades da pesquisa foi o Colégio Pedro II de São Cristóvão. Esta unidade do colégio possui um convênio com o Instituto Benjamin Constant e oferece a oportunidade de alguns alunos desta instituição estudarem lá. O setor responsável pela educação especial informou que havia 16 alunos deficientes

visuais. Contudo, ao entrar em contato com esses alunos apenas nove puderam e se dispuseram a participar da pesquisa.

Outro ponto de concentração de deficientes visuais escolhido para a pesquisa foi a Associação de Esporte e Cultura para Deficientes Visuais (URECE). Foi iniciado o contato pessoalmente com duas pessoas responsáveis pela associação, mas após dez dias a única resposta dada por eles foi que seria praticamente impossível reunir dez pessoas da determinada faixa etária no mesmo horário e local, e a data limite das entrevistas já estava se esgotando.

Passou-se, então, ao processo de aprovação da pesquisa no Instituto Benjamin Constant. Mesmo antes da resposta, entrou-se em contato com a professora responsável pela reabilitação que confirmou um grupo de dez pessoas que atendessem as especificidades da pesquisa para a semana seguinte. Ao chegar no local, data e horário determinados, foi informado que não haviam conseguido o número suficiente de pessoas, dos dez combinados apareceram apenas três.

Após um pouco de insistência, conseguiu-se falar com a responsável pelo setor de ensino do Benjamin Constant que providenciou uma turma com oito pessoas que atendiam as necessidades dos entrevistados. Porém, não foi possível unir as três pessoas da reabilitação com os alunos da instituição. Foram realizadas então, uma breve conversa com os três jovens e depois uma entrevista com os oito alunos do IBC.

Somando todos os entrevistados, nove do Colégio Pedro II, três da reabilitação do Instituto Benjamin Constant e oito alunos da mesma instituição, chegou-se a 20 pessoas entrevistadas, sendo nove jovens entre 15 e 19 anos e 11 na faixa etária de 20 a 24 anos. Do número total de entrevistados 75% eram homens e 25% mulheres.

Segundo o princípio utilizado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP) para critério de classificação econômica do Brasil desenhou-se o poder de compra dos entrevistados: 50% encontram-se na classe C2, 30% na B2, 10% na B1 e outros 10% na C2. Para obter mais informações sobre esta pesquisa veja o material anexo.

No quadro 1, apresenta-se uma comparação entre o perfil populacional e o da amostra.

QUADRO 1						
Perfil populacional / Perfil da amostra						
Faixa etária	População total		População deficiente visual		Amostra	
15 - 19	14.401.006 pessoas	52%	611.006 pessoas	49%	9 pessoas	45%
20 - 24	13.358.020 pessoas	48%	626.408 pessoas	51%	11 pessoas	55%
Total	13.358.020 pessoas	100%	1.237.414 pessoas	100%	20 pessoas	100%

2.2.3 Procedimento e instrumentação de coleta de dados

Ao se analisar as necessidades da pesquisa de permitir que fossem levantados pontos a serem melhorados pelas emissoras de rádio de notícia, optou-se por realizar pesquisa qualitativa.

Este tipo de pesquisa foi considerado mais eficiente, pois as pessoas teriam como desenvolver mais os assuntos a partir do momento em que poderiam interagir com a opinião das outras, confirmando suas aspirações ou dando outro ponto de vista. Além disso, as discussões em grupo focal estimulam mais os participantes e dão a possibilidade de respostas mais espontâneas.

Após a definição do tipo de pesquisa, procede-se as seguintes etapas, baseadas em Gill (2000):

a) Preparar um roteiro contendo os assuntos e temas específicos a serem abordados com os grupos focais. Este roteiro serve como orientação de como deve ser conduzida a conversa.

b) Recrutar participantes para os grupos que atendam as especificidades da pesquisa: deficientes visuais entre 15 e 24 anos.

c) Organizar a logística de registro das informações, que no caso será a filmagem. A filmagem foi escolhida com o objetivo de tentar capturar as impressões e observações sobre cada tópico, mantendo registrada em imagem a reação de cada pessoa a fim de facilitar sua análise a posteriori.

d) Agendar as discussões com os grupos. Nesta fase recorre-se aos alunos deficientes visuais do Colégio Pedro II de São Cristóvão, e aos participantes da reabilitação e alunos do Instituto Benjamin Constant.

e) Realizar os grupos de discussão. Foram realizados 2 grupos focais e um pequeno debate sobre como melhorar a comunicação do rádio para os cegos.

No roteiro de orientação das entrevistas, apresentado no Apêndice A, havia 12 perguntas. As questões foram organizadas com o objetivo de conduzir de forma organizada as idéias e assuntos.

Primeiro era solicitado que os entrevistados se apresentassem e falassem um pouco de si, com o objetivo de que se conhecessem melhor e ficassem mais à vontade.

Em seguida, foi questionado de forma geral sobre como eles se informam sobre os acontecimentos atuais, para saber se o rádio seria incluído na lista.

Na pergunta de número três eles deveriam responder a sobre a importância do rádio na vida deles, para se pudesse traçar a relação dos deficientes visuais com o rádio.

Depois, já sabendo um pouco da parceria rádio e cego, os entrevistados falavam se possuíam o costume de ouvir notícia através do rádio, a frequência e as principais emissoras e programas. A partir dessa resposta mais detalhada pode-se saber realmente quem ouve sempre o veículo de comunicação.

Também se propôs que informassem se o rádio era considerado por eles o melhor meio de obterem informação e qual o motivo para logo após poder entrar na questão da pesquisa, questionando sobre o que gostavam e o que não gostavam nas emissoras de rádio que eles ouvem.

Caso o grupo não começasse a destacar proposta de melhorias, era solicitado que eles dessem sugestões de como as emissoras de rádio de notícias que eles costumavam ouvir poderiam melhorar para facilitar a retenção das informações, e assim se comunicar de forma mais clara com os seus ouvintes.

As perguntas seguintes tinham o objetivo de, se fosse necessário, desenvolver mais sobre alguns pontos como mudanças na locução e/ou na programação, se eles tinha o costume de ligar para as rádios e se achavam necessário que as perguntas fossem mais discutidas.

A última questão tratava da relação dos deficientes visuais com os demais meios de comunicação, a fim de saber se eles buscavam aprofundar as informações obtidas através do rádio em outros veículos.

Estando todas as entrevistas realizadas, partiu-se então para a transcrição das fitas para, a partir delas, analisar e interpretar os resultados obtidos.

2.2.4 Procedimento de tratamento dos dados

Este momento consiste em colocar todas as impressões e observações obtidas durante o debate dentro do contexto da pesquisa, a fim de que a análise redunde em propostas de ajuste de linguagem o mais exequíveis possível.

Nesta pesquisa optou-se em observar, analisar e apresentar de forma objetiva as mudanças sugeridas pelos grupos, relacionando os pontos comuns e os divergentes. E a unidade de análise escolhida foi os temas abordados.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta etapa da pesquisa será apresentado um panorama sobre as rádios de notícia atuais quanto à linguagem, conteúdo, programação, e um estudo sobre a deficiência visual, suas implicações no desenvolvimento dos outros sentidos e o que diferencia em sua forma de comunicar.

3.1 Nas ondas do rádio

Apesar de ter sua morte repetidamente anunciada, o rádio sobrevive e, surpreendentemente, representa hoje um meio de comunicação presente na maioria das residências brasileiras. Segundo dados da Marplan Lintas de 1992, 90% da população brasileira de baixa renda, de todas as faixas etárias, ouvem a programação da radiofônica cerca de três horas diárias. (DEL BIANCO, 1999).

Tanto o rádio quanto a televisão pertencem a era da informação, porém, o rádio foi a manifestação mais precoce da era eletrônica na comunicação de massa.

Uma das grandes dificuldades que acompanhou o discurso do rádio desde a sua origem foi como encontrar uma maneira eficiente de expressar de forma sonora um conteúdo que tem como base a tecnologia impressa.

O jornalismo impresso operava com a palavra estática, “congelada” em forma de escrita. Ao se aventurar pela primeira vez no terreno da palavra elástica, “em estado líquido”, o gênero se defrontou com uma série de situações inteiramente novas. (MEDITSCH, 1999, p. 114).

No princípio, o jornalismo radiofônico, segundo Meditsch (1999), tinha como fundamento reproduzir as características da mídia impressa, caracterizando-se assim como um jornal falado. As reportagens eram recortadas dos jornais e simplesmente lidas no ar, não havia um tratamento diferenciado para a notícia e isto acarretou várias gafes, como o locutor de rádio falar “veja na página seguinte”. Esta forma de jornalismo também se limitava por levar aos ouvintes notícias já atrasadas.

De acordo com o autor, o radiojornalismo era pensado como uma nova forma de apresentação da mensagem escrita. Com isso, tudo o que se dizia no microfone deveria ser previamente escrito, a fim de controlar o conteúdo e garantir a utilização

correta da linguagem. A BBC de Londres chegou a produzir debates previamente gravados, transcritos e corrigidos, e só depois levados ao ar na emissora pelos próprios participantes que liam e tentavam reproduzir suas próprias palavras com a mesma naturalidade original.

Em 1936, a recém criada Rádio Nacional do Rio de Janeiro causou uma revolução na transmissão de rádio. Pela primeira vez era realizada uma divulgação de notícia pelo telefone. Com isso, o veículo passou a frente do jornal impresso ao anunciar as notícias antes de elas serem publicadas. (HERMSDORFF, 2006).

O Repórter Esso chega ao Brasil em 1941 transmitido pela Nacional, marcado pela influência americana e carregado de publicidade até no nome. Segundo Hermsdorff (2006), este programa jornalístico tinha como base as notícias fornecidas pela agência norte-americana *United Press International* e era escrito por redatores da agência de publicidade *McCann-Erickson*, responsável pela conta da *Esso Standard de Petróleo*. O noticiário tinha como principal objetivo cobrir e transmitir os fatos relacionados à Segunda Guerra Mundial.

O repórter Heron Domingues, considerado a voz do repórter Esso, contribuiu para a profissionalização do radiojornalismo no Brasil. Além de ter implantado na Rádio Nacional uma seção com profissionais específicos para o jornalismo no rádio em 1948, ele foi o primeiro a produzir um manual de radiojornalismo brasileiro. (HERMSDORFF, 2006).

Com o passar do tempo o radiojornalismo vai se estruturando e conquistando maior credibilidade perante o público. Nesse momento, este estilo de passar notícias também é incorporado por outras emissoras de rádio, como a Rádio Tupi que teve sucesso com o seu Grande Jornal Falado Tupy e o Matutino Tupi.

Enquanto jornal falado, o radiojornalismo primava pela sobriedade na locução. Porém, com o passar do tempo, foi-se observando que o jogo de entonação e interpretação servia para dar ritmo ao texto e assim prender a atenção do ouvinte. Além disso, a identificação da voz pelo ouvinte marca mudanças de assunto e de procedência da notícia, distinguindo o que é informação jornalística, propaganda e entretenimento. (MEDITSCH, 1999).

Os novos meios tecnológicos, como o telefone portátil e a gravação magnética, provocaram a abertura da informação para grande variedade de vozes e discursos, enriquecendo a informação com o depoimento de autoridades, especialistas e sujeitos atuantes no cenário da notícia. As reportagens agora são

feitas na rua e a entrevista fora do estúdio. Esta nova possibilidade de se comunicar ao vivo no momento e local onde ocorre o fato trouxe mais agilidade ao rádio e, ao mesmo tempo, começa a expor, por comparação, a artificialidade da fala amarrada ao texto.

Com a multiplicação das vozes, a fala no rádio deixa um pouco de lado sua natureza escrita assume um aspecto mais natural. No entanto, esta nova maneira de concepção do texto radiofônico não pode ser equiparada a fala natural. A espontaneidade da fala do locutor de rádio é uma espontaneidade planejada.

A competência exigida de uma profissional de rádio exige não só a capacidade de manejo da fala nas diversas bases apontadas, mas também na sua combinação, para que o produto final torne fluente, ocultando o esforço de produção por uma aparência de espontaneidade. (MEDITSCH, 1999, p. 114).

Outro aspecto incorporado pela enunciação radiofônica veio do teatro, que seria um nível suplementar de significação da palavra falada: o subtexto. Nas artes cênicas, o subtexto consiste na interpretação particular das palavras dada pelos atores, a fim de compor seu significado em função dos objetivos de cada personagem no conjunto da obra. Já no rádio, apenas a voz é responsável por expressar o subtexto; não há o recurso visual. Meditsch (1999, p. 120) afirma que “A curva melódica, o ritmo e as ênfases tônicas utilizadas repetidamente constituem códigos que permitem aos ouvintes situar imediatamente o texto da fala”.

De acordo com o autor, para superar as raízes no jornalismo escrito, o radiojornalismo passou por uma primeira fase de reafirmação dos padrões estabelecidos pelo veículo de informação impresso. A nova forma de comunicação adotada pelo jornalismo sonoro, ao acrescentar ao texto um subtexto e os demais elementos da linguagem sonora, como a música, o ruído e o silêncio, resultou em um novo gênero de discurso impossível de ser produzido apenas com os recursos da escrita e incapaz de ser pensado em uma cultura oral.

Por ser um veículo de comunicação que se coloca entre a forma oral e a escrita de expressão, não se pode comparar um texto radiofônico aos dos outros meios de informação, como o jornal e a televisão. Estes dois veículos trazem em seu contexto, outros recursos que facilitam a compreensão da mensagem. No primeiro, o leitor, tendo o texto em mãos, pode ler e reler de forma rápida ou lenta, e ainda tem a possibilidade de interação do texto com a fotografia/ilustração. Na televisão o

telespectador recebe informações adicionais fornecidas pela imagem, facilitando a compreensão da mensagem noticiosa. (KOPPLIN; FERRARETTO, 1992).

A mensagem radiofônica é instantânea. O ouvinte só tem uma chance de ouvir e entender o que está sendo dito. Como lembrou Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima (2001, p. 62) “a mensagem no rádio se dissolve no momento em que é levada ao ar”. Com isso, ela deve explorar sua única oportunidade de emissão ao criar imagens mentais que projetem as palavras, e ao criar idéias, frases, situações com um conteúdo claro e expressivo que não exijam demasiado esforço do ouvinte.

Conquistar um ouvinte atencioso e concentrado, que esteja totalmente ligado à recepção da notícia é praticamente impossível; até porque o meio ambiente apresenta diversos estímulos que o distraem. Ao mesmo tempo em que esta afirmação exige um maior esforço deste meio para atingir o público, também se torna uma vantagem frente aos outros veículos de comunicação, pois o ouvinte pode tomar conhecimento dos fatos enquanto realiza outras atividades, como dirigir, cozinhar e trabalhar.

Com a finalidade de sua informação alcançar o maior número de pessoas, o jornalismo radiofônico criou recursos textuais e sonoros de enunciação. Vale ressaltar que muitas emissoras possuem regras próprias de estruturação de seu texto radiofônico. As normas apresentadas neste trabalho são uma média do que é utilizado por algumas delas. Esses parâmetros foram assim estabelecidos para melhor orientar a construção desta pesquisa. Além disso, as características das emissoras de rádio de notícias expostas neste capítulo estão baseadas no “Manual de radiojornalismo” escrito por Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima, publicado em 2001.

O texto radiojornalístico inicia sempre pelo *lead*, isto é, o aspecto mais importante do fato que irá conduzir a atenção do receptor da mensagem. Este primeiro período do texto de conter uma novidade, um fato que atualize a notícia e a torne o mais atraente possível. Segundo Barbeiro e Lima (2001, p. 63), “a missão do redator é conquistar o ouvinte na primeira frase. Se esta não levar à segunda, a comunicação está morta”.

Após o *lead* os demais detalhes são hierarquizados conforme o grau de importância, em ordem decrescente. Porém, um detalhe mais significativo pode encerrar a notícia.

Para deixar clara a informação para o ouvinte, adota-se a seqüência lógica dos fatos com o uso da ordem direta: sujeito + verbo + predicado. Esse modelo textual é adotado como regra, pois a utilização da voz passiva diminui o impacto da notícia ao deslocar o foco de interesse do quem para o quê. Em alguns casos, o agente do fato desaparece, empobrecendo o nível de informação do texto.

O texto radiofônico deve ter a apresentação mais clara e limpa possível. Por isso, deve-se evitar o uso de frases longas, pois estas dificultam a respiração do locutor e são mais difíceis de serem compreendidas pelo ouvinte. O uso de frases curtas, além de facilitar o entendimento da notícia, dá ritmo ao texto. Cada frase é responsável por expressar uma idéia.

A repetição de palavras é muito utilizada para atingir a atenção do público, mas se usada em excesso empobrece o texto. Um recurso eficaz para solucionar esta repetição é o uso de sinônimos. De qualquer maneira os manuais costumam afirmar que só se deve repetir palavras quando estas forem fundamentais para a clareza da notícia.

As palavras não, ontem, continua e permanece devem ser evitadas no início do texto. No caso da primeira palavra, se a notícia começar com uma negativa, dificilmente despertará o interesse dos ouvintes, até porque ninguém liga o rádio para se informar sobre o que não aconteceu. O mais importante é narrar o fato ocorrido. Nos demais casos, o uso de palavras que remetem ao fato passado envelhece a notícia no rádio. Procure uma nova informação ou um novo enfoque para não dar a sensação de que o assunto está superado.

Também não se deve começar uma frase com a palavra parece. Os programas jornalísticos têm como função divulgar acontecimentos e informar fatos previamente apurados. O uso desse termo dá ao ouvinte a sensação de insegurança do jornalista, o não domínio do assunto tratado, e ainda o questionamento da veracidade da informação.

O uso dos pronomes possessivos seu, sua, seus, suas pode causar dúvidas a quem acompanha o noticiário. O ouvinte pode entender que está se falando dele, de alguma pessoa ou objeto de suas relações pessoais. Para evitar mal entendidos é preferível informar “O presidente Lula foi abordado almoçando com a mulher dele” ao invés de “O presidente Lula foi abordado almoçando com sua mulher”. A utilização massiva de pronomes pessoais também pode causar confusão. Deve-se remeter ao sujeito do fato usando ele, ela, eles, elas somente quando quem ouve o

noticiário puder ter certeza de quem se fala. Não se pode partir do pressuposto de que o ouvinte lembra de quem se está falando.

Outros aspectos de texto radiofônico devem ser citados, como evitar o uso de gírias e plurais, tomar cuidado com os cacófagos e com os efeitos sonoros que provocam rimas de palavras com a mesma terminação.

O programa radiojornalístico se caracteriza por reunir diversas formas informativas, que incluem sínteses noticiosas, boletins, comentários, editoriais e seções fixas. Cada emissora faz uso desses formatos conforme suas necessidades.

A síntese noticiosa é o resumo dos principais fatos que ocorrem ao longo do dia, hierarquizados em ordem crescente de importância. Geralmente tem duração de dez minutos e são apresentados a cada 30 minutos ou uma hora. Este formato jornalístico chegou ao Brasil em 1941 através United Press Internacional, Esso Brasileira de Petróleo e Rádio Nacional do Rio de Janeiro, com a criação do Repórter Esso.

As sínteses costumam iniciar com uma manchete que resume a notícia principal da edição, a última notícia. Como no rádio não há regras fixas, há emissoras que não utilizam manchete, e no lugar, apresentam um resumo dos acontecimentos das últimas horas.

A expressão máxima do trabalho do repórter de rádio é o boletim. Chama-se de boletim a notícia pronta para ser transmitida: as informações já foram apuradas e os dados coletados. O próprio jornalista que recolheu as informações do fato ocorrido irá transmiti-lo diretamente do palco de ação da notícia.

Para ampliar de forma quantitativa a notícia, agregando a ela mais informações, o repórter inclui na construção do boletim uma ou mais entrevistas com pessoas relacionadas ao fato. A presença de mais uma voz na notícia também melhora o ritmo da emissão informativa.

O boletim também pode dar um tratamento interpretativo do fato, acrescentando informações qualitativas a serem fornecidas aos ouvintes. O repórter não irá opinar sobre o assunto, e sim, passar para o público as suas impressões sobre, por exemplo, as causas e consequências possíveis.

Como, a rigor, o boletim é uma informação transmitida pelo repórter direto do palco de ação do fato ele deve ser assinado. Para tanto, o jornalista deve, ao final do texto, identificar seu nome e o local de onde está falando.

Outro formato radiojornalístico é o comentário, que de maneira opinativa ajuda a ampliar o pensamento sobre a notícia ao questionar suas causas e consequências, e sugerir possíveis soluções. Este tipo de texto é mais informal, podendo utilizar recursos da linguagem, como comparações, antíteses, ironias, jogos de palavras, exclamações e interrogações. Vale ressaltar que, em geral, o comentário não é assinado.

O texto no rádio pode ser escrito de duas maneiras: corrido ou manchetado. Quando for de responsabilidade de apenas um locutor, é escrito em texto corrido, em que um período segue-se ao outro na composição da notícia. É a forma adotada na maioria dos textos radiofônicos: boletins, comentários, editoriais. Já se dois ou mais locutores forem transmitir estas informações, se recorre ao texto manchetado. Neste caso o texto é dividido e cada linha, ou melhor, notícia é lida por um locutor de forma alternada.

Além dos aspectos textuais, há também a forma como se pronuncia o texto. A clareza com que se busca ao redigir uma mensagem radiofônica deve estar presente na fala. Para prender a atenção do ouvinte não adianta ter uma voz bonita. O principal é saber interpretar com naturalidade e simplicidade a notícia, utilizando a pronúncia corretas das palavras.

As principais emissoras de rádio possuem um roteiro, no caso de programas de notícia, ou um esboço de roteiro, quando falamos de um programa baseado em entrevistas. No roteiro consta as notícias, sejam elas boletins ou comentários, a sonoplastia, as entrevistas pré-gravadas e as músicas.

A sonoplastia consiste na aplicação de recursos sonoros necessários para a elaboração de um programa radiofônico. As principais inserções sonoras utilizadas numa rádio de notícia são a característica, a cortina, a vinheta e o fundo musical.

A característica é a principal música do programa, pois ela o identifica no início e no fim de cada bloco, no início e no fim de cada transmissão.

Já a cortina consiste em um breve trecho musical que separa uma determinada parte de um programa radiofônico em relação ao todo, assinalando geralmente a inserção de comentários, seções especiais ou editoriais. Pode ser transmitida antes e depois destes espaços ou apenas antes.

Ocupando função semelhante ao da característica e da cortina, a vinheta se diferencia por associar um texto à música. É uma frase musical gravada com

antecedência e tem como função identificar a emissora, o programa ou, até mesmo, um apresentador.

A música geralmente instrumental que toca em volume inferior a um texto lido pelo locutor se chama fundo musical ou BG (*background*). Seu objetivo é dar ao texto mais expressividade e levar o ouvinte a refletir.

Outras inserções sonoras são as entrevistas pré-gravadas que já passaram por um processo de edição e as músicas.

Barbeiro (2001, p. 62) ressalta que as regras de redação para o rádio seguem para orientar, mas que “o aprimoramento vem com a prática, a consulta dos livros de gramática e muita leitura para enriquecer o vocabulário”.

Para compor uma rádio de notícias é fundamental a presença de jornalistas e técnicos 24 horas nos 365 dias do ano. Por ser um meio de comunicação de massa ao vivo praticamente durante toda a programação, um erro ou descuido de um afeta o trabalho de todos. Por isso, a interação entre as áreas é fundamental. Seguem os principais setores e cargos.

Na área de informação têm os chefes de reportagem, repórteres, redatores, correspondentes, pauteiros, apuradores, radioescutas e técnicos da central de operações. Já a edição conta com os editores de reportagens e técnicos de edição.

A exibição é composta por âncoras, locutores, produtores, auxiliares de produção e sonoplastas. O setor da coordenação engloba o gerente de jornalismo, o coordenador de esporte e o coordenador de rede. O cargo mais alto de uma emissora de notícia é o de diretor de jornalismo.

Essas divisões são ilustrativas e são adaptáveis à realidade de cada rádio de notícia, visto que, em muitas emissoras, por exemplo, o repórter assume também a função de pauteiro, apurador e editor.

3.2 Entendendo a cegueira

Um dos conceitos de deficiência visual é a perda ou redução de capacidade visual em ambos os olhos em caráter definitivo, que não possa ser melhorada ou corrigida com o uso de lentes, tratamento clínico ou cirúrgico. (IBC, sd).

As pessoas com deficiência visual estão impossibilitadas de utilizar o sentido da visão nas atividades normais da vida, mas conseguem superar essa deficiência ao se utilizarem dos demais sentidos. (LEMOS, 1978).

Segundo Lemos (1978), o conceito médico tem como base a acuidade visual e limitação do campo de visão. Este conceito tem servido como definição de cegueira para os órgãos do governo, a fim de determinar em situações legais e econômicas a incapacidade de bem utilizar este sentido.

Sob a luz da medicina, os deficientes visuais são aqueles que possuem acuidade visual do melhor de seus olhos menor ou igual a 1/10 de visão considerada normal. Nesse contexto, a distância máxima que esta pessoa tem de visualizar um objeto é igual ou menor a 6 metros, enquanto uma pessoa com a visão considerada normal enxerga objetos em até 60 metros de distância.

As pessoas de visão reduzida ou subnormal, sob o ponto de vista médico, são as que possuem acuidade visual entre 1/10 e 3/10 de visão considerada normal. De acordo com essa classificação dos dois grupos, os considerados deficientes visuais são todos os que não podem desempenhar de maneira satisfatória uma função ou uma profissão cuja execução seja essencial o uso do recurso visual.

O aparelho visual compõe-se de quatro partes: retina, vias ópticas, centro visual cortical e centro psíquico. O processo de perda da visão pode iniciar-se em qualquer uma delas. Assim, o não funcionamento da retina acarreta a falta de sensibilidade do estímulo luminoso. A interrupção das funções das vias ópticas implica a falta de ligação entre as recepções luminosas retina e os centro corticais. A destruição do centro cortical da visão tem como consequência a falta de recepção cerebral dos estímulos luminosos. O fim das conexões da esfera visual com os centros psíquicos impede a identificação psíquica do ato visual. (CEGUEIRA, sd).

A incapacidade de utilizar o sentido da visão é constatada pelo médico especialista que tem como responsabilidade corrigir ao máximo o problema na visão por meio cirúrgico ou de lentes.

Existem muitas causas responsáveis pelos distúrbios visuais e atualmente se sabe que a maioria dos casos de cegueira poderiam ter sido evitadas através de medidas preventivas. Graças aos progressos da medicina e da assistência social, o número de crianças cegas tem diminuído. (LEMOS, 1978).

De acordo com Lemos (1978), em termos gerais, a cegueira pode ser proveniente de quatro causas: doenças infecciosas, como tracoma e sífilis; doenças

sistêmicas que inclui a diabetes, arteriosclerose, nefrite, moléstias do sistema nervoso central e deficiências nutricionais graves; traumas oculares que ocorrem quando se sofre pancadas ou ação de ácidos; e causas congênicas e outras, como a catarata senil, glaucoma, miopia maligna.

Há um percentual relativamente elevado de casos de cegueira congênita. Esta tanto pode decorrer de malformações oculares ou cerebrais quanto de certas doenças intra-uterinas que afetam o globo ocular do feto, como a toxoplasmose e a sífilis. A rubéola, quando adquirida pela mãe nos três primeiros meses de gravidez, também pode provocar a cegueira do feto.

A cegueira adquirida em decorrência de traumatismo pode ser causada por pancadas, explosões ou outros acidentes capazes de afetar o aparelho visual. De modo geral esses problemas são resolvidos com intervenções cirúrgicas. Outra causa é a ingestão de certos medicamentos, como a quinina, ou a intoxicação causada pelos sais de chumbo. As doenças infecciosas - lepra, meningite, difteria, escarlatina - e mesmo algumas não contagiosas, como a diabetes melito, podem provocar problemas de retina ou catarata.

Na cegueira congênita, a perda da visão ocorre no período entre o nascimento e os primeiros anos de vida (5 ou 6 anos). Já a cegueira por causas infecciosa, sistêmica e trauma ocorrem a partir dos 7 anos de idade e, neste caso, as pessoas cegas são capazes de lembrar de experiências visuais anteriores à perda da visão, como imagens de pessoas, ambientes e paisagens. (LE MOS, 1978).

Por representar a perda de um dos sentidos mais úteis no relacionamento do homem com o mundo, a cegueira é considerada uma deficiência grave. E com a impossibilidade reversão do quadro, os cegos devem aprender a conviver com sua deficiência.

A sociedade em geral, a até mesmo a própria família, muitas vezes não tem o esclarecimento necessário das atitudes a serem tomadas para com as pessoas cegas ou de visão subnormal. Essas, geralmente, são tratadas com superproteção, segregação, descrença, o que cria condições desfavoráveis para sua integração ao meio social.

O cego não enxerga o mundo como uma pessoa de olhos fechados. De acordo com o autor Lemos (1978) é outra forma de percepção e de criação do mundo, pois a ausência total da visão faz com que não haja memória visual. A

audição, por exemplo, é o único sentido de distância de que os cegos dispõem, e tem de funcionar de maneira inteiramente diferente, sem a informação da visão.

O desenvolvimento sensorial, a integração visual, a autopercepção, o desenvolvimento cognitivo-afetivo e a linguagem são exemplos de setores em que os deficientes visuais desenvolvem de maneira diferentes aos que possuem a visão normal. (PROBLEMAS, s.d.).

Observa-se nos cegos normalidade na fase de desenvolvimento. Porém estima-se um atraso no processo de movimentação devido à necessidade de aprender a conhecer seu ambiente de maneira incomum e difícil, tendo como estímulo apenas a audição. Há, então, um maior desenvolvimento e uma utilização diferenciada para a audição e o tato. (PROBLEMAS, s.d.).

As pessoas cegas ou com baixa visão apesar de viverem em um ambiente culturalmente ambientado por meio de estímulos visuais podem, mesmo com suas limitações, ter uma plena integração à sociedade.

A incapacidade visual determina uma deficiência que deve ser considerada, apenas, como o fator que restringe e limita certas ações humanas, mas que, nem por isso, impede a realização de um grande número de atividades que garantem ao deficiente da visão sua independência e auto-realização como membro participante da sociedade. (LEMOS, 1978, p. 11)

Lemos (1978) ressalta que no passado, as pessoas deficientes visuais eram muitas vezes rejeitadas e abandonadas pela família por serem julgadas não apenas pela sua limitação física de não ver, e sim por uma total incapacidade de realizar qualquer atividade produtiva na vida. A pessoa cega não tinha o direito de contribuir com nenhum trabalho, por isso nem conseguia se sentir membro ativo e participante da vida social.

A história da educação das pessoas deficientes visuais no Brasil, segundo o autor, começou com o jovem cego José Álvares de Azevedo, enviado por sua família a Paris com a finalidade de estudar no Instituto Real dos Jovens Cegos, fundado em 1779.

Ao concluir o curso, o jovem voltou ao Brasil e entrou em contato com o médico do Paço, Dr. Xavier Sigaud, que era pai de uma menina cega. O jovem, imbuído pelo ideal de criar aqui no Brasil um instituição semelhante a de Paris, foi levado pelo médico à presença do Imperador D. Pedro II, que ficou impressionado com o fato de uma pessoa cega poder ler e escrever. Assim, Sua Majestade decidiu

apoiar José Álvares a criar um colégio que desse a oportunidade de atendimento educacional aos deficientes visuais.

Este sistema de leitura e escrita que José Álvares de Azevedo aprendeu no Instituto Real dos Jovens Cegos foi criado em 1825 por Luiz Braille, também aluno dessa instituição. Aos seus 16 anos, Braille inventou um sistema baseado em 6 pontos que permitia a representação em alto relevo das letras do alfabeto, dos sinais musicográficos e dos símbolos utilizados nas ciências.

Em 17 de setembro de 1854, é inaugurado o Imperial Instituto dos Meninos Cegos. Anos após sua fundação, em homenagem ao professor de matemática Benjamin Constant que se dedicou quase 30 anos à educação das pessoas deficientes visuais, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos passa a ser chamado Instituto Benjamin Constant. (LEMOS, 1978).

Com a criação da primeira instituição de educação de pessoas portadoras de deficiência visual na América Latina, o Instituto Benjamin Constant, em 1854, começa-se a pensar na necessidade de uma educação diferenciada para os cegos. “Somente a partir de 1926, outras instituições foram fundadas, como: Instituto São Rafael, em Belo Horizonte; Instituto Padre Chico, em São Paulo; Instituto Santa Luzia, em Porto Alegre; Instituto de Cegos do Ceará, em Fortaleza; Instituto de Cegos da Bahia, em Salvador; e outros”. (LEMOS, 1978, p.20).

O surgimento da prensa em Braille e as novas tecnologias da informática têm aumentado possibilidade de integração e informação dos deficientes visuais. Além disso, essas evoluções foram fundamentais para a educação voltada para esse grupo. (GIL, 2004).

O conceito de inclusão, de acordo com Gil (2004), é muito recente em nossa cultura e envolve praticamente todas as esferas sociais, fazendo com que as pessoas repensem seus hábitos e atitudes. Isto no princípio causa uma certa barreira, por tirar cada um de sua zona de conforto e começar a pensar e criar coisas novas.

Além de recente, a autora afirma que a idéia de inclusão abrange, além da necessidade educacional, também o acesso aos bens sociais, culturais, econômicos, à saúde, ao trabalho, à informação, à tecnologia.

Para fomentar ações de inserção das pessoas com deficiência, a ONU decretou a Década das Pessoas Portadoras de Deficiência (1983-1992) e criou o documento intitulado Programa Mundial de Ação Relativo às Pessoas Portadoras de

Deficiência, a fim de unificar as ações que seriam realizadas internacionalmente. Este documento, criado em 1983, diz no parágrafo 27:

Das pessoas com deficiência deve-se esperar que desempenhem seu papel na sociedade e cumpram suas obrigações na qualidade de adultos. A imagem das pessoas com deficiência depende de atitudes sociais baseadas em diferentes fatores que podem constituir a maior barreira à participação e à igualdade. Vê-se a deficiência – refletida na bengala branca, nas muletas, nos aparelhos auditivos e nas cadeiras de rodas – mas não a pessoa. É necessário evidenciar a capacidade das pessoas com deficiência e não a sua deficiência.” (RESENDE, 1996, p.11)

Em 1992, ao final do período estipulado pela ONU, foi proclamado o dia 3 de dezembro como o Dia Internacional das Pessoas Portadoras de Deficiência em comemoração à data em que foi lançado o Programa de Ação. (RESENDE, 1996).

Outro importante resultado da Década foi a adoção, em 1993, das Normas sobre Equiparação de Oportunidades para Pessoas com Deficiência, normas essas que representam um poderoso instrumento para a elaboração de políticas voltadas para os portadores de deficiência.

Dois anos após o fim da Década das Pessoas Portadoras de Deficiência, foi criada a Declaração de Salamanca, entre 7 e 10 de junho de 1994. Este documento foi organizado pelos delegados da Conferência Mundial de Educação Especial, que representavam 88 governos e 25 organizações internacionais. (DECLARAÇÃO, s.d.).

O objetivo dessa Declaração era informar governos, organizações mundiais e todas as instituições voltadas para o ensino e aprendizagem sobre práticas e ações a serem tomadas por eles, a fim de promover a educação de crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino.

Neste momento, se reafirma a necessidade de os Estados assegurarem a educação de pessoas com deficiência como parte integrante do sistema educacional, já que toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas.

Com a inserção das pessoas deficientes visuais em escolas comuns ou em instituições especializadas deu a elas a oportunidade de fazer o nível fundamental, concluir o segundo grau e cursar escolas de nível superior. Este fato permite a presença de pessoas cegas em diversas atividades da vida humana. Aos que

atingiram o nível superior existem professores, advogados, administradores; já as funções de nível médio abrangem massagistas, programadores, atividades operacionais na indústria ou no comércio, profissões que podem ser exercidas independente do grau deficiência visual existente. (LEMOS, 1978).

Segundo Lemos (1978), a integração das pessoas com necessidades especiais, como os cegos, entre os demais revela que a sociedade é composta pelos diversos, e não pelos iguais. E a relação com as pessoas com deficiência, seja no trabalho, seja na escola, é mais uma forma de aprendermos a lidar e conviver com as diferenças.

Há anos vêm sendo promovidas políticas de integração dos deficientes à sociedade em várias áreas, como no âmbito empresarial. Porém, o autor afirma que o que se percebe muitas vezes é um descaso por parte dos empresários, que não conseguem enxergar os deficientes como pessoas ativas e capazes de realizar perfeitamente quaisquer atividades que não necessitem especificamente do sentido o qual ele não usufrui de maneira eficiente.

Partindo especificamente para o sentido da visão, Lemos nos mostra o seguinte pensamento:

Socialmente, o sentido da visão, dada a sua importância nas atividades da vida, é extremamente valorizado. No entanto, a perda total ou parcial desse sentido não representa limitação absoluta, tendo os deficientes visuais condições de participarem, normalmente, da vida social, desde que para isso sejam criadas oportunidades de realizarem-se plenamente, valendo-se dos outros sentidos, da inteligência e de outros dotes pessoais. Essas oportunidades podem ser oferecidas mediante a organização de programas educacionais para atender as necessidades específicas impostas a limitação física. Os deficientes de visão, assim, tendo atendimento educacional adequado, têm condições de se ajustar nos planos físico, intelectual, emocional, social e econômico. (LEMOS, 1978, p.17)

Atualmente, encontram-se diversas tecnologias responsáveis por transmitir informação, lazer, entretenimento e cultura aos que possuem os sentidos perfeitos. Porém, existe uma parte da população que não consegue usufruir todas essas revoluções tecnológicas, ficando algumas vezes mal informada sobre os fatos diários, descobertas científicas e desenvolvimento profissionais, como é o caso dos deficientes visuais.

Por sua vez, o rádio exerce uma grande influência sobre estes indivíduos, ocupando uma posição de prestígio em suas vidas. Maria Regina Boscardin, interventora do Instituto Paranaense de Cegos, diz que o deficiente tem a

possibilidade de contato com as informações diárias através das notícias deste veículo, sendo “portanto uma janela para o mundo para o deficiente e uma das maiores fontes de informação e formação para o cego”.

O rádio, portanto, é o meio de comunicação mais utilizado pelos deficientes visuais por diversos motivos.

Sendo este um veículo que não tem imagens, como a televisão, seus textos costumam se adequar de forma mais eficiente às necessidades dos cegos por ter a obrigatoriedade de dar aos ouvintes mais detalhes sobre as informações que são noticiadas. Isso porque o rádio é um meio que precisa dar referências aos ouvintes, já que mesmo os que possuem a visão normal no momento que utilizam este meio de comunicação não têm a possibilidade de enxergar, pegar ou apalpar este material, como acontece nestes últimos dois casos com o jornal e a revista.

O rádio transmite música, transmite informação, transmite esporte, transmite serviço de utilidade pública e, especialmente para cegos, é um meio de comunicação que te aproxima mais com a realidade, porque o rádio, ele dá mais detalhes [...] (FROTA, 2002 *apud* GODOY, 2003, p.9).

Uma das vantagens de utilização do meio rádio como forma de informação, entretenimento e cultura pelo cego é o fato desse meio utilizar a simplicidade, a repetição, trilhas e frases curtas. A união desses elementos facilita a compreensão do que está sendo dito, como diz o jornalista e radialista Marcus Aurélio de Carvalho. (*apud* GODOY, 2003),

Ao pensar na maneira como os deficientes estruturam as frases, Marcus Aurélio (*apud* GODOY, 2003) destaca a ordem direta do pensamento no rádio, a repetição do sujeito e o desmembramento das idéias a fim de facilitar a compreensão da mensagem para o cego. “Quando se destaca o sujeito em vários momentos, isto faz com que o deficiente ‘encadeie’ melhor a idéia. Seguir as técnicas dos manuais de radiojornalismo é importante, já que quem enxerga e ouviu uma notícia mal estruturada pode lê-la no jornal, mas o deficiente não”. (CARVALHO *apud* GODOY, 2003, p.13).

Para o radialista, existe a necessidade de utilização de mensagens simples, mas isso não quer dizer que a informação não deve ser investigada e transmitida a fundo, e sim que esta deve ter relação direta à realidade para construir bases concretas de compreensão para o ouvinte.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste momento, tomou-se como base para a análise dos resultados, além de todo o conteúdo teórico anteriormente mencionado, os pontos abordados pelos dois grupos focais, o primeiro realizado no Colégio Pedro II (CPII) de São Cristóvão e o outro no Instituto Benjamin Constant (IBC), e a conversa com os três participantes de atividades deste instituto.

O questionário criado no decorrer da pesquisa serviu como base para o desenvolvimento da conversa com os grupos, mas muitas vezes não foi seguido a risca, visto que o objetivo de sua concepção era que não fossem deixados de lado nenhum dos assuntos destacados. Sua função era de orientação da conversa, e não de determinação das informações.

O ponto principal a ser analisado nesta pesquisa é o que pode ser melhorado nas rádios de notícias para atenderem de forma eficiente as necessidades do seu público. Para discutir sobre este assunto, optou-se por conversar com pessoas deficientes visuais entre 15 e 25 anos, com a finalidade de que eles destacassem suas percepções sobre as informações no rádio.

Antes de analisar os assuntos abordados por eles como fundamentais para a melhoria das rádios, devem-se destacar como eles apresentaram sua relação com este veículo.

Quando questionados sobre como se informam sobre os acontecimentos atuais, a maioria citou o rádio dentre os meios de comunicação utilizados e mais de 50% destacou este meio de comunicação como a principal forma de informação.

Na entrevista com os alunos do Colégio Pedro II de São Cristóvão, ao conversarem sobre a frequência que eles escutam o rádio, quase todos os alunos afirmaram ouvir o rádio todos os dias, alguns antes de ir à escola e outros no caminho.

Além disso, ao serem questionados sobre a eficiência da recepção das mensagens transmitidas pelas rádios de notícias, Vanessa afirma ser o rádio o melhor meio de comunicação para as pessoas deficientes visuais. “Na televisão eles não precisam descrever tanto porque as pessoas tão vendo, né. Já na rádio eles têm que falar mais, porque as pessoas têm que imaginar as cenas ou a situação”. E Jonatan completa ao afirmar que o rádio “acaba dando mais visão para o cego”.

Isso foi reforçado na conversa com os alunos do Instituto Benjamin Constant. Ao serem perguntados se o rádio é uma boa maneira de obter informação eles também o apresentaram como sua principal forma de informação. Segundo o Luciano, aluno do IBC, “o rádio é um ótimo meio de informações, né, pras pessoas que não enxergam. Porque é aquilo, o cego sempre tem que ter uma forma de ter um rádio consigo, ou um MP3 ou um celular... Mas tem que ouvir rádio”.

Na conversa realizada com os três participantes das atividades do IBC, um deles, o Thiago, afirma que o rádio é mais eficiente na rapidez da notícia. Já o Alessandro diz escutar o rádio todas as manhãs que está em casa.

Uma das primeiras questões respondidas pelos alunos foi as rádios de notícias que eles costumavam ouvir. Entre as mais citadas pelos entrevistados, em primeiro lugar ficou a CBN, o segundo lugar foi ocupado pelas rádios Globo e a Tupi, seguidas pela Band News, JB Fm e Manchete, respectivamente.

Pelos menos 50% dos entrevistados têm algum radialista de sua preferência. Dentre os citados pelos alunos do CPII estão, na ordem de aparecimento, Paulinho Altunian (FM O Dia), Taissa Bravo (CBN), Viviane Tenório e Vitor Júnior (FM O Dia). Os apreciados pelos alunos do IBC foram David Brasil (FM O Dia), Roberto Canázio (Tupi), José Carlos Araújo (Globo), Luiz Penido (Tupi) e Apolinho (Tupi), respectivamente.

O debate sobre o rádio com os alunos do IBC despertou neles o desejo de criar uma rádio de notícias na instituição. O assunto foi iniciado por Luciano ao dizer “eu acho que até aqui no colégio deveria ter uma rádio de notícia”. Esta idéia passou a ser compartilhada por outros alunos, como Luan e Henrique que também se mostraram interessados pela iniciativa.

Partindo para a pergunta principal da pesquisa, quando foram debater sobre as mudanças a serem realizadas nas emissoras de rádio de notícias, os alunos do CPII de São Cristóvão hesitaram um pouco a dar a primeira resposta. “Fala Marcelle. / Esse negocia que dá sete horas da noite. / A voz do Brasil”.

O primeiro assunto abordado por eles foi, então, o programa “A voz do Brasil”. Os alunos se mostraram muito insatisfeitos. Uma das idéias sugeridas pela Vanessa do CPII seria a não-obrigatoriedade de transmissão deste programa pelas emissoras de rádio, por apresentar um conteúdo não muito atrativo. “Eu acho que não deveria ser obrigatório. A pessoa que quer ouvir ouve, ué”. E todos os alunos concordaram

com a idéia, além dos que se mostraram radicais a ponto de afirmarem o desejo de abolição deste programa. “Ah, esse negocio é muito chato”.

Já no IBC a opinião não foi unânime. Com o surgimento do assunto, houve uma pouco mais de debate, pois a aluna Tamires disse ouvir o programa e gostar. Uns falaram que o programa era ruim por falar apenas sobre políticos, já o aluno Alessandro afirmou serem discutidos outros assuntos, como os sem-terra e a criação de novas leis. O aluno Henrique defendeu que o horário não seria o mais apropriado por ser um momento do dia em que as pessoas estão saindo do trabalho e querem ter informações sobre o trânsito, por exemplo, e não o têm. Porém, Tamires defendeu seu ponto de vista até o fim.

Outro ponto tocado pelos alunos foi a pouca variedade de emissoras de rádio. Segundo alguns alunos, existe um grande número de rádios piratas, que entram no meio da transmissão da detentora do direito de uso daquele *dial*, e rádios religiosas, que atendem um público específico.

Para ilustrar este assunto, teve um momento da conversa com os alunos da IBC, em que Henrique perguntou se alguém sabia o que havia acontecido com a Rádio Mundial. Segundo ele a programação era muito boa e de repente a rádio “sumiu” e em seu lugar estava passando uns programas evangélicos. Num primeiro momento cogitou-se um possível fim da concessão. Porém, pesquisando na Internet, no site Wikipédia, foi confirmado que em fevereiro de 2009 a Rádio Mundial do Rio de Janeiro foi arrendada para a Igreja Mundial do Poder de Deus. (RÁDIO, sd).

Os alunos do IBC, que costumam ouvir as rádios AM, reclamaram da qualidade das transmissões. De acordo com o depoimento de Alessandro do instituto, “a Rádio Globo, não sei se é por causa da frequência, mas às vezes ela fica chiando muito, some um pouco”. Henrique concorda com ele e afirma que este fato acontece mais à noite. Já o aluno Luan diz que com a interferência ele não consegue entender nada e que prefere a Tupi por ter um som mais limpo.

Continuando a falar sobre a qualidade das transmissões, foi destacada a ineficiência da emissão de notícias de dentro de helicópteros. Para os alunos do IBC esta maneira de informar é falha.

O aluno Henrique ressalta que isso acontece geralmente nas notícias sobre trânsito e Luan exemplificou esta situação. “O helicóptero tá filmando lá o que aconteceu, tipo bateu um carro no outro, aí o cara ta lá ‘tutututututututu’ no

helicóptero fazendo barulho e fica a interferência. Eu não escuto nada”. Os alunos Alessandro e Luciano também concordam com esta informação.

Passou-se, então, de qualidade da transmissão, para a qualidade da programação. No grupo focal realizado no IBC, o aluno Henrique, que ouve mais emissoras de rádio AM que FM, sugeriu que as rádios AM tocassem mais músicas e Luan completou que, além de aumentar a quantidade, deve-se pensar em um estilo mais novo, mais jovem. “E músicas que estejam tocando agora, pô. Só toca música antiga”. Já Diego defendeu sua apreciação por músicas mais antigas. “Mas música antiga que é bom”.

No CPII, além de apontarem a necessidade de se fazerem melhorias na programação das emissoras de rádio de notícias, eles reclamaram da programação dos canais de tv aberta. E nessa discussão, grande parte dos alunos participou. A aluna Vanessa puxou o assunto dizendo que a televisão “também tá precisando melhorar muito”. Marcelle reforça a opinião de Vanessa e acrescenta que as novelas estão todas iguais. Já Gustavo tenta definir a programação das principais emissoras de televisão e resume dizendo que todo mundo sabe de cor a programação: “de manhã tem aquele jornalzinho, depois vem desenho, desenho, desenho, outro jornal, filme velho e depois novela e jornal de novo”.

Um tema abordado nos dois grupos focais e com os três participantes de atividades do IBC foi a necessidade das emissoras de rádio de notícias interagirem mais com o seu público. Para eles, essa é uma das maiores melhorias que o rádio deveria passar.

O aluno do CPII Gustavo disse achar “interessante quando eles pegam a opinião, pedem pra você ligar pra dar uma opinião. Não fica aquela coisa de ele tá dá a notícia e acabou, você tem que aceitar aquilo. Você pode ter a opção de ligar pra lá e dar sua opinião”. Mas também confessou que isso não acontece muito.

No tocante da interação entre as emissoras e seus ouvintes o Augusto, participante da reabilitação do IBC, fala que as rádios de notícia deveriam ter “um telefone que a gente opinasse no assunto para ser mais debatido”.

Partindo para outra discussão, foi colocado em questão o fato de que quando tem um grande acontecimento, como a queda de um avião ou a morte de uma pessoa ilustre, as emissoras de rádio de notícia ficam dando destaque para este fato o dia inteiro.

Segundo Vanessa, aluna do CPIL, isto ocorre tanto nas rádios quanto na televisão, tendo uma grande notícia “eles vão ficar naquilo o dia inteiro. Ficam só naquilo. Às vezes, nem tem mais novidade”.

Ainda nesta linha, foi colocada em questão a repetição das notícias nas emissoras de rádio. Tanto os alunos do CPIL, quanto os do IBC afirmaram que algumas emissoras repetem muito as informações durante o dia. Dentre essas rádios estão a CBN e a Band News. Porém, quando o debate contou com exemplos de rádios, houve opiniões diferentes.

O aluno Jonatan do CPIL afirmou não ser um grande problema a repetição das notícias, pois assim quem perdeu o noticiário de mais cedo consegue ouvir as notícias logo depois. Contudo, ele acredita que umas mudanças de vez em quando são necessárias e destaca sua preferência pela Band News. “Na CBN é aquele assunto sempre, não muda muito. Já na Band News eles fazem, mas eles fazem rapidamente e depois eles podem até repetir, mas não é tão chato como eles fazem na CBN”.

Já Alessandro e Henrique do IBC se mostram mais satisfeitos com a maneira de informar da rádio CBN. Ao falarem sobre o assunto destacaram que a Band News repete muito as notícias e que “a CBN dá bem mais notícias”.

Sobre este tema Vanessa do CPIL afirma que a necessidade de se repetir a notícia nem sempre atrapalha o bom funcionamento na transmissão da informação. Para ela, existem várias maneiras de se repetir o assunto sem que se perca o dinamismo.

Também foi ressaltada em todos os grupos a preferência pelas rádios que investem na discussão, no debate das notícias. Ao ser questionada sobre o assunto, Natália, que está fazendo curso de massoterapia no IBC, afirma gostar mais “das rádios que discutem um pouco mais sobre os assuntos”.

Além da Natália, Ronaldo, aluno do CPIL, reforça a opinião do grupo de que as rádios que proporcionam um maior debate sobre a notícia oferecem “várias visões” aos ouvintes.

Gustavo, também aluno da mesma instituição de ensino, vai mais fundo ao afirmar que a partir do momento em que tem mais de uma pessoa falando sobre o assunto “você consegue ter um ponto de vista mais ampliado, vê de fora aquela situação, não vê só pelo ponto de vista de quem fez a reportagem”.

Mostrando outro lado da questão, Paulo, aluno do primeiro ano do ensino médio do CPII, destaca a influência que a opinião dos locutores exerce sobre os ouvintes. Para Paulo “o apresentador do programa dando a opinião dele sobre a notícia acaba influenciando as pessoas”.

Dentro desse contexto, de ter a possibilidade de criar uma visão mais ampla sobre os assuntos noticiados no rádio, os alunos das duas instituições de ensino afirmaram procurar em outros veículos de comunicação sobre assuntos que lhes chamaram atenção no rádio. Porém, cada um com um objetivo diferente.

Henrique, do IBC, diz consultar outros meios a fim de obter mais informações sobre o assunto e confirmar sua veracidade. Já Luan, que possui baixa visão, tem a curiosidade de ver as imagens ligadas às notícias. E o Luciano, também da mesma instituição, falou que costuma procurar saber mais sobre as notícias que chamam sua atenção na Internet.

Foi então questionado como os deficientes visuais utilizam a Internet e os programas de computador que lhes oferecem bom uso dos computadores. Os alunos com baixa visão do instituto afirmaram utilizar um programa de computador que aumenta as letras e imagens que aparecem na tela do computador, chamado Working Fox 186. Eles não apresentaram nenhuma reclamação sobre o sistema utilizado.

Quando foram responder sobre os meios de comunicação que mais utilizam, Natália e Thiago disseram não utilizar a Internet com frequência por não terem conseguido instalar ainda este programa em seus computadores pessoais.

O aluno Luciano, que é cego, explica que existem duas maneiras de os cegos utilizarem o computador. Uma é pelo sistema operacional Dosvox, que foi desenvolvido pelo Núcleo de Computação Eletrônica (NCE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Segundo o site oficial do NCE, “o Dosvox é um sistema para microcomputadores da linha PC que se comunica com o usuário através de síntese de voz”. (DOSVOX, sd).

A outra forma de manterem o contato com este meio de comunicação, segundo Luciano, é através do leitor de tela, chamado Jaws. Para o aluno, este sistema é mais eficiente que o citado anteriormente. “Pra navegar na Internet por JAWS é o melhor, porque a Internet pelo DOSFOX é muito limitada”. Os alunos Alessandro e Henrique, cegos, concordaram com a posição adotada por Luciano.

Este segundo programa citado também foi colocado em questão pelos alunos do CPII. De acordo com a aluna Marcelle, existem muitos sites que não oferecem facilidade de navegação. “Às vezes, os sites não são muito acessíveis. Têm muita figura, essas coisas assim. Aí tem coisa que a gente viaja muito e até mesmo se informar de alguma coisa fica muito vago”.

Vanessa fala sobre a dificuldade de se informar através do Internet, mesmo com o uso do Jaws. Para a aluna, é mais fácil para quem enxerga, pois tem a possibilidade de utilizar o mouse e ter uma visão total do que está na tela. Já com o uso do Jaws, eles devem percorrer o conteúdo passando “seta por seta” e muitas vezes o programa não lê todas as informações contidas no site. “Porque quem enxerga tá olhando o mouse e vai olhando tudo na tela. A gente não. A gente tem que ir seta por seta, seta por seta. Aí mesmo assim você passa por tudo e ele não leu aquilo. Nunca é completo”.

Isso mostra o porquê que para os deficientes visuais, principalmente para os cegos, a Internet ainda não é considerada a melhor forma de se adquirir informação.

Em síntese, apresenta-se no Quadro 2 as principais mudanças sugeridas pelos entrevistados para as emissoras de rádio de notícias.

QUADRO 2	
Principais mudanças sugeridas pelos entrevistados	
1.	O fim da obrigatoriedade de exibição do programa "A voz do Brasil"
2.	Maior variedade de emissoras de rádio
3.	Necessidade de melhorar a qualidade das transmissões AM
4.	Ineficiência da transmissão de notícias de dentro dos helicópteros
5.	Reformulação da programação das rádios
6.	Maior interação entre as emissoras de rádio de notícias e os ouvintes
7.	Diminuir a repetição de informações durante o dia
8.	Investimento na discussão, no debate das notícias

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar toda a trajetória do rádio, não se pode deixar de lado o poder de ainda ser uma das principais canais de notícia.

Desde seu surgimento na década de 20 do século XX, o rádio já mostrava a facilidade e o interesse em transmitir informações, mesmo que ainda não tivesse um estudo sobre como fazê-lo, por se tratar de um veículo novo.

Sua consolidação como meio de integração nacional se tornou possível com a criação dos aparelhos à válvula, que possibilitou a diminuição do valor de aquisição dos receptores, e com o apoio de Getúlio Vargas enquanto presidente da República.

O rádio também passou por uma época de crise com a chegada de um novo veículo de comunicação, a televisão, e teve que reformular seu conteúdo e se reposicionar diante o público. Neste momento, o rádio deixou o lugar de centro da família, que passou a ser ocupado pela tv, para ser o acompanhante.

Uma das grandes dificuldades que cercou o discurso do rádio desde a sua origem, mas que hoje já foi superada com a criação e prática dos manuais de radiojornalismo, foi como encontrar uma maneira eficiente de expressar de forma sonora um conteúdo que tem como base a tecnologia impressa, as notícias.

Porém, o que as emissoras de rádio necessitam, neste momento e constantemente, é aprender a explorar suas potencialidades. Alguns autores afirmam que o rádio necessita de uma reformulação de programação e conteúdo.

Para tentar solucionar este problema, os empresários do meio radiofônico precisam avaliar a satisfação dos seus ouvintes e criar oportunidades de alcançar mais pessoas e atingir novos públicos.

Nesta pesquisa exploratória, foi levada em consideração uma fatia expressiva da população que precisa de um meio de comunicação que atenda suas expectativas, os deficientes visuais.

Como pode ser acompanhado e analisado através dos dois grupos focais, um no Colégio Pedro II de São Cristóvão e outro no Instituto Benjamin Constant, além da conversa com os três participantes de atividades deste instituto, o rádio continua sendo um dos principais meios de comunicação utilizados por eles, tanto pelos pontos positivos do veículo, quando pela deficiência dos demais meios de comunicação em atendê-los.

A partir dessa constatação, chegou-se a apontar as principais mudanças que as emissoras de rádio de notícias deveriam passar para melhor atingir as necessidades das pessoas deficientes visuais entrevistadas.

Dentre os assuntos abordados foram destacados a insatisfação com a obrigatoriedade do programa “A voz do Brasil”. De fato, este programa ainda é lembrado como marca viva dos governos autoritários a que o país esteve submetido. Esse é um dos motivos de muitas pessoas não se interessarem pelo programa.

A obrigatoriedade da veiculação da Voz do Brasil está fixada pelo Código Brasileiro de Telecomunicações, art. 38 alínea E, cujo texto ressalta que “as emissoras de radiodifusão, excluídas as de televisão, são obrigadas a retransmitir, diariamente, das 19 às 20 horas, exceto aos sábados, domingos e feriados, o programa oficial de informações dos Poderes da República, ficando reservados 30 minutos para divulgação de noticiário preparado pelas duas Casas do Congresso Nacional”. (VOZ, sd).

Há anos mais de vinte projetos que tentavam anular este caráter autoritário já tramitaram na Câmara dos Deputados e todos foram arquivados. Uma idéia apontada pelos alunos seria flexibilizar o horário de transmissão do programa. Investir na mudança do formato e da linguagem do programa também pode ser uma maneira de atrair os ouvintes. Porém, a solução para este problema não está nas mãos das emissoras de rádio de notícias, e sim do governo. (VOZ, sd).

Outro ponto questionado foi a existência de um grande número de rádios piratas e religiosas. A quantidade de rádios piratas é difícil de se calcular, visto que elas operam de forma irregular. Já as rádios religiosas, segundo pesquisa realizada pelo cientista político Valdemar Figueredo Filho (*apud* LIMA, 2008), apoiado em informações da Anatel e da Abert de março de 2006, chegam a 25,18% das emissoras de rádio FM e 20,55% das AM nas capitais brasileiras. E passados três anos dessa pesquisa, outras rádios de cunho religioso já assumiram o lugar das convencionais, como citado anteriormente o caso da Rádio Mundial arrendada para a Igreja Mundial do Poder de Deus em fevereiro de 2009.

Os alunos reclamaram sobre o desgaste da repetição massiva das notícias. E neste caso, muitas vezes as emissoras de rádio utilizam essa estratégia para fixar a informação ou para o ouvinte começou a ouvir a notícia pela metade. Porém, o que para um público se entende como eficiência de comunicação, para outro pode ser considerado um ruído. Cabe aos empresários de empresas radiofônicas apurar a

necessidade de seus ouvintes, que neste caso prefere um maior aprofundamento nas notícias, e não somente uma “chuva” de informações.

Uma discussão que fez parte das três entrevistas foi o desejo por uma comunicação mais inclusiva, que interaja com seus ouvintes. Eles querem participar do processo comunicativo, querem ter a oportunidade de voz. Dar mais espaços para a opinião pública, para participação dos ouvintes nos programas, pedir a eles sugestão de pauta podem ser boas maneiras de tornar a rádio mais interativa.

Além dos tópicos anteriormente citados, também foi debatida a qualidade das transmissões AM, que devido a sua modulação possui facilidade de sofrer interferências de outras fontes eletromagnéticas.

A ineficiência das mensagens transmitidas de helicóptero foi ressaltada no segundo grupo focal. Neste caso as emissoras devem optar por mostrar aos ouvintes que estão observando tudo no instante da transmissão e pecar na qualidade de recepção dessa informação, ou dar esta notícia do estúdio ou através de um repórter de rua tendo a garantia de uma boa transmissão da informação.

Não se pode deixar de ressaltar que essas questões foram levantadas pelos alunos e pessoas entrevistadas. Esta pesquisa não tem a pretensão de responder pelas necessidades de todos os deficientes visuais, e sim mostrar o que parte desse grupo observa como problemas a serem solucionados.

Para dar continuidade a esse estudo, sugere-se a realização de uma pesquisa quantitativa a partir das sugestões apontadas por essa pesquisa exploratória, a fim de constatar quantas pessoas que constituem o grupo compartilham desta opinião.

Uma sugestão seria abrir espaço para que outras pesquisas sejam feitas, com a finalidade de apontar as melhorias que cada veículo de comunicação deveria passar para satisfazer o seu público.

Além disso, existem parcelas da população também podem ser questionadas sobre suas expectativas, como os idosos, os deficientes auditivos, os jovens, os trabalhadores noturnos e assim por diante.

Outra extensão dessa pesquisa será, a partir de uma aspiração dos entrevistados, desenvolver junto aos alunos do Instituto Benjamin Constant uma rádio administrada e realizada por eles, com o assessoramento de profissionais e apoio da instituição.

Este trabalho foi realizado com o objetivo de fazer das emissoras de rádio de notícias o melhor meio de informação, que atenda as necessidades de seu público em geral, independente de sua deficiência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Hamilton. **Padre Landell de Moura - Um Herói Sem Glória. O brasileiro que inventou o rádio, a televisão, o teletipo...** São Paulo: Record, 2006.

ANDRADE, Antônio de. **A memória do rádio e da radionovela.** Disponível em: <br.geocities.com/memorialdatv/radio.htm>. Acesso em 19 jun. 2008.

AZEVEDO, Mônica Ciarlini de. **Radionovela: sucesso do passado, caminho para o futuro.** 2006. 80 f. Monografia (Comunicação Social – Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual do radiojornalismo.** Rio de Janeiro: Ed. Campos, 2001.

BRASIL. Decreto-lei nº 5296, de 2 de dezembro de 2004. **Lei de acessibilidade.** Disponível em: <<http://www.acessobrasil.org.br/index.php?itemid=43>>. Acesso em 20 abr 2009.

CABELLO, Ana Rosa Gomes. A Expressão Verbal na Linguagem Radiofônica. In: DEL BIANCO, Nélia R.; MOREIRA, Sônia Virgínia (Orgs.). **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas.** Rio de Janeiro: EdUERJ; Brasília: Ed. UNB, 1999.

CABRAL, Sergio. **MPB na era do rádio.** São Paulo: Moderna, 1996.

CALABRE, Lia. **Rádio e imaginação: no tempo da radionovela.** In: INTERCOM, 26., 2003, Belo Horizonte: PUC-MG, 2003. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP06_calabre.pdf>. Acesso em 25 jun 2008.

CEGUEIRA. Disponível em : <<http://intervox.nce.ufrj.br/~amac/cegueira.htm>>. Acesso em 23 jun 2008.

CENSO 2000. População residente, por sexo e situação do domicílio, segundo os grupos de idade – Brasil. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/pop_Censo2000.pdf>. Acesso em 12 mai 2009.

CENSO 2000. População residente, por tipo de deficiência, segundo a situação do domicílio e os grupos de idade – Brasil. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/deficiencia_Censo2000.pdf>. Acesso em 12 mai 2009.

DECLARAÇÃO de Salamanca. In: Conferência Mundial de Educação Especial, 2003, Espanha: Salamanca, 2003. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em 24 mai 2009.

DEL BIANCO, Nélia R. Tendências da Programação Radiofônica nos Anos 90 sob o Impacto das Inovações Tecnológicas. In: DEL BIANCO, Nélia R.; MOREIRA, Sônia Virgínia (Orgs.). **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas**. Rio de Janeiro: EdUERJ; Brasília: Ed. UNB, 1999.

_____. **Desafios do Rádio no Século XXI**. In: INTERCOM, 24., 2001, Rio de Janeiro.

DOSVOX. Disponível em: <<http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox/intro.htm>>. Acesso em 24 mai 2009.

FERNANDES, Florestan. Educação e Sociedade no Brasil. In: RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da Educação Brasileira – A organização escolar**. Autores Associados, 2003.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra-Luzzato, 2001.

GIL, Marta Esteves da Almeida. Inclusão Digital e Inclusão Social: O Papel da Acessibilidade. In: OMOTE, Sadao (Org.). **Inclusão: intenção e realidade**. Marília: Fundepe, 2004.

GILL, Rosalind. Análise do discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. (P. A.Guareschi, Trad.). Petrópolis: Vozes (Original publicado em 2000).

GODOY, Elisangela Ribas. **Rádio: um companheiro do cego**. In: INTERCOM, 26., 2003, Belo Horizonte: PUC-MG, 2003. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP06_godoy.pdf>. Acesso em 25 jun 2008.

HERMSDORFF, Renato Pereira. **O lugar do jornalismo nas emissoras FM musicais adultas do Rio de Janeiro: um estudo de caso da Paradiso FM**. 2006. 64 f. Monografia (Comunicação Social - Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

INSTITUTO Benjamin Constant. Disponível em: <<http://www.abc.gov.br>>. Acesso em 23 jun 2008.

KOPPLIN, Elisa; FERRARETTO, Luiz Artur. **Técnica de redação radiofônica**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1992.

LEMO, Édison Ribeiro. **Deficiência Visual**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Documentação e Divulgação, 1978.

LIMA, Venício A. de. O coronelismo eletrônico evangélico. **Observatório da Imprensa**, 26 ago 2008. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=500JDB002>>. Acesso em 09 jun 2009.

MEDITSCH, Eduardo. A Nova Era do Rádio: O Discurso do Radiojornalismo como produto intelectual eletrônico. In: DEL BIANCO, Nélia R.; MOREIRA, Sônia Virgínia (Orgs.). **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas**. Rio de Janeiro: EdUERJ; Brasília: Ed. UNB, 1999.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

POR que não aconteceu aqui: o rádio em 1938 no Brasil. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/brittos-valerio-radio-brasil-1938.pdf>. Acesso em 25 jun 2008.

PROBLEMAS das Crianças Portadoras de Deficiência Visual Congênita na Construção da Realidade. Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br/?itemid=95#more>>. Acesso em 23 jun 2008.

RÁDIO Mundial do Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/R%C3%A1dio_Mundial_\(Rio_de_Janeiro\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/R%C3%A1dio_Mundial_(Rio_de_Janeiro))>. Acesso em 24 mai 2009.

RESENDE, Elisabeth Kátia Vianna. **Mídia e Deficiência: Manual de Estilo**. Brasília: CORDE, 1996.

SANZ, Luiz Alberto. **Dramaturgia da informação radiofônica**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999.

TRINTA, Aluizio Ramos. **O direito de nascer e renascer: para uma compreensão estética da telenovela**. 1995. 218 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

VOZ do Brasil. Disponível em: <http://www.radiobras.gov.br/radioagencia/historico_voz.php>. Acesso em 09 jun 2009.

APÊNDICE A

Questionário:

- 1- Apresentação: nome, período escolar ou profissão, onde mora, o que gosta de fazer nas horas vagas?
- 2- Como vocês se informam sobre os acontecimentos atuais do mundo, do país, da cidade?
- 3- Qual a importância do rádio na vida de vocês?
- 4- Vocês costumam ouvir notícia através do rádio? Qual a frequência, emissoras e programas?
- 5- Vocês consideram o rádio a melhor forma de obterem informação? Por quê?
- 6- O que vocês gostam e o que vocês não gostam nessas emissoras que vocês costumam ouvir? Por quê?
- 7- O que poderia ser melhorado nas rádios de notícias para facilitar a retenção da informação?
- 8- Que mudanças vocês sugerem na locução?
- 9- E na programação?
- 10- Como você vê a interatividade nas emissoras? Você costuma ligar, mandar e-mail, acessar o site etc?
- 11- Vocês acham que as notícias no rádio poderiam ser mais discutidas, terem uma análise mais profunda?
- 12- Após ter ouvido uma notícia no rádio, vocês buscam outros canais de informação para saber mais? Quais?

APÊNDICE B

Grupo 1		
Nome	Idade	Classificação
Elias do Nascimento Júnior	16	Cego
Pedro Henrique da Silva Pereira	17	Cego
Paulo Roberto de Oliveira Silva	20	Cego
Marcelle Pinto da Silva	20	Cego
Edson Marques dos Santos	21	Cego
Vanessa Almeida da Silva	21	Cego
Jonatan Santos de Souza	21	Cego
Gustavo Garcia Ribeiro	21	Baixa visão
Ronaldo Soares Marques	22	Cego
Grupo 2		
Nome	Idade	Classificação
Tamires da Silva	15	Baixa visão
Maressa Clamon	15	Cego
Pedro Alves	16	Baixa visão
Luan da Silva	18	Baixa visão
Diego dos Santos Azevedo	19	Baixa visão
Luciano Baptista	19	Cego
Henrique do Nascimento	20	Cego
Alessandro de Jesus Lado	21	Cego
Grupo 3		
Nome	Idade	Classificação
Natália Bevilaqua de Freitas	19	Baixa visão
Thiago Leandro da Silva	23	Baixa visão
Augusto Guthemberg	24	Cego

APÊNDICE C

Transcrição primeiro grupo focal
Colégio Pedro II – São Cristóvão
Dia, 23/05/2009

➤ Fita 1

- Todos entram na sala e se acomodam
- Eles conversam e riem entre si
- Eu passo de cadeira em cadeira colocando o nome deles na frente
- Eles lancham e enquanto isso, conversam.

Leonie: Eu vou começar falando a minha. Eu sou uma jovem menina... de apenas..A não, sou novinha, vai. Tenho apenas 22 anos. Praticamente amiga de vocês.

Corte na fita

Leonie: Sem doer, vai.

Edson: (tomando refrigerante) 19.

Leonie: Eita.

O grupo junto grita: MENTIRA

Vanessa: Gente, se for pra mentir eu também vou mentir

Leonie: Não gente

Edson: (tomando refrigerante) 21.

Leonie: Gente tem que ser de verdade, hein... Paulo Roberto.

Paulo: Eu tenho 20.

Jonatan: (fala junto com Paulo)24.

Todos riem.

Leonie: Renan não veio.

Jonatan: Tem 65.

Leonie: Vanessa.

Vanessa: Eh... bem... eh...deixa eu lembrar. Calma aí. (todos riem)

Gustavo: As drogas...

Vanessa: Eh 21.

Jonatan; Como com é que aqui tem o nome de cada um?

Leonie: Que?

Gustavo: É, Jonatan, teu nome ta escrito aí.

Leonie: Elias é você agora.

Elias: Eu?

Leonie: É. Você tem cara de novinho.

Elias: tenho 16.

Leonie: Ronaldo!

Jonatan: Ih!

Ronaldo: 22.

Jonatan: Velho.

Leonie: É o tio ele? (rs)

Ronaldo: O tio mais velho.

Leonie: Pedro

Pedro: Tenho 17.

Leonie: Ah, novinho ele. O músico é novinho ainda. (todos riem)

Jonatan: (comendo sanduíche) Eu tenho 18.

Leonie: 15?

Jonatan: É!

Vanessa: Mentira

Todos riem e falam coisas ao mesmo tempo.

Jonatan: Calma aí, calma aí. Quantos anos você me dá?

Leonie: Você...

Gustavo: 40!

Leonie: Uns 19.

Jonatan: Ah, brigado, brigado. Viu? É a idade que eu tenho.

Vanessa: Mentira!

Jonatan: Eu tenho... 21.

Leonie: 21? Marcelle?

Marcelle: 20.

Leonie: Gustavo

Gustavo: 21.

Leonie: Antes de vocês... Como eu vou contar com você para a pesquisa... Como o nome de vocês vai estar no projeto, vou precisar que vocês assinem um documento dizendo que vocês autorizam, que vocês estão cientes de tudo isso que vai acontecer. Então o trabalho é o seguinte. Eu vou fazer... Um dos grupos vai ser aqui no Pedro II e vai ser um debate, assim... Vai se um bate papo bem tranquilo. Que eu faço Comunicação Social – Radialismo e então eu to querendo saber mais ou menos como é a interação de vocês com o rádio, porque tem gente que acha que o rádio já quase ninguém escuta. Mas as pessoas as vezes não se ligam que todo mundo que tem carro, logo que entra no carro, liga o rádio. Né, a as pessoas ainda usam

Gustavo: Pô, eu escuto.

Jonatan; Eu escuto no meu MP3. Cadê o Vitor? (e sacode o papel amarra na mão para o Vitor jogar fora)

Vitor: Ah tá, o lixinho. Me dá aí.

Leonie: Aí, então, o trabalho é pra saber como é que é a relação de vocês com o rádio, se vocês costumam escutar, quais as rádios que vocês costumam escutar...

Jonatan: Ih!

Leonie: Então vai ser um bate papo mesmo. Não é assim... ah eu não lembro o nome, ah que morte. Não. Não lembra, não lembra. Tá? E aí, aqui, agora a gente tá em 9 alunos, né. Vocês já se conhecem, né. E... vamos lá. Então é basicamente isso, vai ser um bate papo. E eu acredito que isso não vá atrapalhar. Eu tenho que gravar a entrevista pra poder analisar depois. Eu ia trazer um gravador, desses gravadores de voz. Só que se eu fosse trazer o gravador de voz, cada vez que uma pessoa fosse falar, ia ter que falar o nome antes. E não ia dar certo. Então a gente tá com uma câmera aqui, não está focando em ninguém, e eu não vou utilizar essa imagem pra lugar nenhum. É só pra eu poder... É porque é uma pesquisa, e eu to querendo entender como é a relação com o meio de comunicação. Então eu preciso saber quem foi que falou o que, porque uma diferença de idade... Não é uma filmagem profissional. A câmera tá aqui só pra poder pegar quem é que está falando. Tá bom? Pra vocês tem problema? Não? Vocês não vão aparecer na Globo, não vão aparecer na televisão...

Vanessa: Bota só o Jonatan, porque só ele vai ocupar a lente toda.

Jonatan: Olha quem ta falando!

Vanessa: Você é maior hein.

Cote na fita.

Leonie: Meu nome é Leonie, estou acabando a faculdade graças a Deus. E eu moro em Piedade. E eu gosto muito de estar aqui com vocês. Além de eu fazer comunicação, né, eu gostaria muito de dar aula também, depois do contato que eu tive com alguns alunos. Eu acho que é super legal. A gente se conheceu pouco ainda, mas espero que dê tudo certo. Eu quero que vocês falem o que vocês quiserem. Ah, eu quero saber de uma coisa. O Pedro eu sei que é músico. E eu quero saber qual é a habilidade de vocês em seja o que for. Vamos lá, Paulo, começa você.

Paulo: Eu?

Leonie: Isso. (rs)

Paulo: Vamo lá. Bem habilidade nenhuma. (todos riem)

Leonie: Habilidade nenhuma? Como assim?

Paulo: Pra essas coisas assim, não.

Leonie: Não é muito artista.

Paulo: Não. Bom meu nome é Paulo Roberto, tenho 20 anos, sou do 1º ano e o assunto é sobre rádio e eu fui em uma rádio ontem.

Leonie: Sério?

Paulo: Foi.

Leonie: Qual rádio?

Paulo: Beat 98.

Leonie: Você foi por aqui pela escola?

Paulo: Não... foi ... que... eu tinha ligado pra lá, né e eu ganhei um prêmio e fui lá buscar.

Leonie: Sério? Você ganhou o que?

Paulo: Uma mochila, uma camisa...

Leonie: Que maneiro. Você gosta de ouvir a Beat 98?

Paulo: Ah, muito não, mas...

Leonie: Gosta dos prêmios de lá... (todos riam e falam coisas)

Paulo: Foi legal lá. Só que eu queria conhecer “aquela” mesa lá, só que não deu não.

Leonie: É que na hora que eles estão no ar é mais complicado. E você Elias fala um pouquinho de você pra gente.

Elias: Eh, eu tenho 16 anos, to no 1º ano também. Ontem também fui lá na rádio com o Paulo. Nós já tínhamos ido em outra rádio.

Leonie: Qual rádio?

Elias: Na Manchete.

Leonie: Ah é! Gostaram?

Elias: Lá eu gostei. Achei melhor...porque lá era sobre esporte.

Leonie: Ah entendi. Você ta em qual série, Elias?

Elias: 1º.

Leonie: Gustavo.

Gustavo: Eu to no 3º ano, quero fazer licenciatura em música... mais o que, mais o que?... Rádio eu ouço mais MPB FM, Antena 1 e as vezes eu ouço MEC. Eu comecei a ouvir música clássica esse ano.

Leonie: É , pra quem quer fazer música, né, é fundamental.

Gustavo: Eu toco violão também.

Leonie: Ah, outro músico na turma. É isso?

Gustavo: É.

Leonie: Você, Vanessa. Vocês podem falar o que quiserem. O que quer fazer na faculdade, o pessoal que já tá no 3º ano, cheio de planos, vão lá.

Vanessa: Ah, eu tenho 21 anos. Rádio. Rádio, assim, eu quando eu ouço rádio e tenho tempo, eu não tenho uma rádio específica. A única rádio que eu ouço mais é quando ouço notícia na Band news, que é a Fm, só. Mas eu não tenho uma rádio certa mesmo.

Leonie: Entendi. E você Marcelle?

Marcelle: (rindo) Eh. Meu nome é Marcelle, né, tenho 20 anos. Eh, a sei lá, rádio eu também fico mudando de rádio o tempo inteiro. E o que eu quero fazer é Serviço Social ou Letras ou Psicologia.

Leonie: Ainda tá escolhendo, né!

Marcelle: É, mas eu prefiro Serviço Social.

Leonie: Legal. Edson é a sua vez.

Edson: Eu sou o Edson, tenho 21 anos, sou do 1º ano. E, assim, eu gosto de música também. Toco um pouco de bateria e também conheci a rádio Manchete, juntamente ali com o Paulo e o Elias. (os outros riem e falam coisas)

Leonie: Jonatan! Você que está aí quietinho, tímido...

Gustavo: De boca cheia.

Jonatan: Não, já acabei. Bom meu nome é Jonatan, tenho 21 anos... Deixa eu ver... Quero fazer Direito, História ou Geografia. As rádios eu toco um pouquinho, um pouquinho, né, porque tem músicos melhores, né, um pouquinho de percussão.

Pedro: Ele é percussionista.

Jonatan: O Pedro tá falando que eu sou percussionista.

Leonie: Já tem quase uma banda aqui. Só falta cantar.

Jonatan: O Pedro fala que eu sou quase um percussionista. Quase, quase. E as rádios que eu ouço, vamos lá, MPB FM, CBN, a 94 FM por causa do grupo de choro, Band News, um pouco da Paradiso, Beat 98, e um pouco de MEC também por causa da música clássica, jazz e choro. Hã, JB FM, FM O Dia, um pouco de...

Vanessa: Ih, ele ouve tudo, né. Faz uma síntese aí.

Jonatan: Cala a boca. Um pouco de Transamérica, um pouco de Mix, (os outros resmungam, rindo e debochando dele) Cala a boca (rindo). Um pouco de Oi FM, um pouco de Antena 1, Tupi, a Manchete..

Edson: Ele ouve as rádios todas.

Jonatan: A Tupi, a Manchete...

Leonie: Ele tem 100 rádios em casa e liga um em cada estação.

Vanessa: Isso mesmo.

Jonatan: Eu não escuto quase nada.

Vanessa: Aêê... (alguns batem palmas).

Leonie: Acabou? Pedro é você.

Pedro: É ... Meu nome é Pedro Henrique, é... tenho 17 anos, to no 2º ano do ensino médio. E quanto a rádio, eu como sou eclético eu escuto assim... Eu não paro em uma rádio assim específica mesmo. Eu escuto a música que estiver tocando, enquanto a notícia, também assim ou passando aí a notícia que eu achar interessante ao passar eu escuto. Assim, eu escuto mais a FM, porque a Am...

Jonatan: Não é tão legal de escutar.

Leonie: Ronaldo, só falta você.

Ronaldo; Bom meu nome é Ronaldo, tenho 21 anos, né e toco um pouquinho de cada instrumento, um pouquinho.

Leonie: Eita, esse então...

Ronaldo; Só um pouquinho. E sou viciado em noticiário, né. Eu ligo direto na CBN ou na Band News. Quando eu to no ônibus fico direto ouvindo. Ah, pretendo prestar faculdade de Analista de sistemas ou Ciência da computação. E só.

Leonie: Saindo um pouquinho de rádio, eu queria que vocês falassem ... Porque, assim, vocês já estão no 2º grau, já pensando no vestibular, e vocês têm várias maneiras de tentar obter informação. Aí eu queria saber qual é o meio de comunicação que vocês mais usam...

Jonatan: Computador.

Leonie: ... pra ter informação. Se é pela Internet, ou é rádio, ou seja qual for. Eu queria que vocês falassem. Pode ser na ordem que vocês quiserem.

Jonatan: Na grande maioria aqui deve ser na Internet mesmo.

Leonie: É?

Jonatan: A grande maioria.

Marcelle: Ah, eu escuto o rádio também...

Elias: Eu uso mais o rádio.

Marcelle: Internet também.

Ronaldo: A televisão hoje em dia também oferece uma diversidade grande.

Marcelle: Como eu não fico em casa, a Internet é só mais final de semana.

Jonatan: O rádio e a Internet.

Leonie: E você, Paulo, como é que você costuma obter mais informação através dos meios de comunicação?

Paulo: Televisão, rádio, sendo que eu escuto mais rádio

Leonie: E você, Elias?

Elias: Rádio e televisão. Mas o principal meio de comunicação é o rádio.

Leonie: E você, Gustavo?

Gustavo: Internet mais.

Leonie: Vanessa...

Vanessa: Acho que é rádio e Internet.

Jonatan: Todo mundo aqui deve ter celular com rádio. Aí fica mais fácil pra...

Leonie: E você Edson?

Edson: Oh, mais o rádio também e um pouca da televisão.

Leonie: Jonatan falou que tudo você (ele mesmo)faz, né. E mais Internet, não foi isso que você falou?

Jonatan: É... Rádio e Internet.

Leonie: Pedro...

Pedro: Mais a Internet mesmo.

Leonie: Ah, o Ronaldo deve ser mais a Internet mesmo, menino ligado nos sistemas...

Ronaldo: Não, os três.

Leonie: Qual a ordem, assim?

Ronaldo: Rádio, tv e Internet.

Leonie: Internet por último?

Ronaldo: Aham.

Jonatan: Internet por último?

Ronaldo: Sim.

Leonie: E, assim, vocês têm os meios de comunicação... Então vocês costumam também ouvir as notícias no rádio, né? Ah! E eu queria saber com qual frequência vocês costumam ouvir o rádio? É todo dia...

Jonatan: Todo o dia que a gente ta vindo pro colégio...

Vanessa: Todo o dia

Outros 2 rapazes também afirmam ser todo o dia.

Leonie: Marcelle eu não falei com você.

Marcelle: O quê?

Leonie: Quais os meios de comunicação que você costuma usar?

Marcelle: O rádio e a Internet. Ah, e também a televisão. Tem os três. Acho que eu uso os três...

Leonie: E falando das rádios de notícias, vocês costumam ter uma emissora que vocês gostem mais...

Jonatan: CBN e Band News.

Leonie: Pra você, Jonatas, CBN e Band News?

Jonatan: É...

Leonie: Ou vocês vão procurando a que tiver...

Pedro: Eu sou assim... Eu não tenho assim...

Ronaldo: Pra mim são essas duas também no rádio.

Leonie: Vocês também... Elias, Paulo...

Paulo: É eu ouço AM. E também notícia na rádio Globo, CBN...

Leonie: É, cada um tem as suas preferências, né. Cada um gosta da informação de uma maneira diferente. Como eu faço rádio, assim, vocês acham que o rádio seria a melhor maneira de vocês se informarem, ou teria um outro meio de comunicação que vocês achem melhor? Ou não? Qual é o meio de comunicação mais eficaz em transmitir...

Jonatan: A Internet às vezes é um pouco mais difícil, mas eu acho muito mais fácil.

Marcelle: Porque tem muitos sites que não são de fácil acesso.

Elias: E porque também as informações muitas vezes não são seguras.

Leonie: Ah é. Porque na Internet cada um escreve o que quer.

Elias: Na rádio ela é mais segura.

Ronaldo: Eu acho que o rádio existe um número de pessoas maiores. Internet é um pouco restrita ainda. Porque você não tem ainda um acesso direto.

Jonatan: No rádio tem mais segurança do que na Internet, porque as vezes tem uma informação errada que dão na Internet que no rádio é a correta mesmo.

Gustavo: Na Internet você tem a... você pode simplesmente procurar qualquer assunto que você queira, mas no rádio você tem que procurar... sei lá... esperar alguém falar sobre aquilo.

Leonie: É. Entendi. Depende do objetivo, né. Se for um assunto específico que vocês queiram saber é mais fácil realmente pela Internet que vocês vão direto no assunto.

Gustavo: É, e pra notícia, o rádio com certeza é a melhor escolha.

Leonie: E vocês que costumam ouvir com uma certa frequência... vocês acham que teria alguma maneira das rádios de notícia hoje em dia melhorar em alguma coisa. Porque isso é discutido em todos os setores, com as pessoas mais velhas, com as pessoas mais novas que as vezes no rádio não tem muita programação como tem na televisão. Porque no rádio você tem música, informação e algumas rádios religiosas... E eu queria saber se tem alguma coisa no rádio que vocês não gostam, uma coisa que vocês pensem "ah, poderia mudar isso". Tem alguma coisa? (eles riem)

Vanessa: Fala Marcelle

Jonatan: Esse negocia que dá sete horas da noite...

Marcelle: A voz do Brasil.

- Todos os alunos se manifestam e falam que é muito chato.

Vanessa: Eu acho que não deveria ser obrigatório.

Jonatan: Ah, esse negocia é muito chato. Aquilo é um porre.

Leonie: Pra quem gosta de ouvir, né...

Vanessa: Mas quem gosta?

Jonatan: Eu não sou político, pô!

Elias: Só pra quem gosta de política.

Jonatan: Leona uma pergunta. Você escuta A voz do Brasil?

Edson: Era isso que eu ia falar agora!

Leonie: Eu não, gente. A hora da Voz do Brasil é a hora que eu to saindo do trabalho. E as vezes eu quero ouvir o rádio...

Vanessa: Eu acho que não deveria ser obrigatório. A pessoa que quer ouvir, ouve, ué.

Jonatan: O problema é que é Nacional.

Leonie: Só isso, só A voz do Brasil? Não tem uma outra coisa que vocês achem... Pode ser em relação a qualquer coisa, por exemplo, programação. Vocês acham que a tá legal a programação das rádios, a diversidade da programação?

- Burburinho

Leonie: Vamos fazer o seguinte, vamos focar nas rádios de notícia. Pode ser? As rádios de notícias, o que vocês acham? Acham a programação legal? Porque foi como o Gustavo falou, você liga e eles dão a informação do que está acontecendo. Você não tem como escolher muito. Então...

Vanessa: É chato porque, às vezes, dependendo da notícia, por exemplo, aconteceu um acidente e morreu tantas mil pessoas, eles vão ficar naquilo o dia inteiro. Ficam só naquilo. Às vezes, nem tem mais novidade. Eles não mudam, não variam quando tem uma notícia principal, vão ficar nela o tempo inteiro.

Jonatan: Não, vai dependendo o dia...

Vanessa: Não. Tanto o rádio quanto a televisão são assim. Fica naquela notícia o tempo todo. Quando não tem novidade eles vão variando. Geralmente isso acontece. Só não acontece quando não tem uma coisa principal assim pra chamar atenção.

Gustavo: Eu acho interessante quando eles pegam a opinião, pedem pra você ligar, pra dar uma opinião. Não fica aquela coisa de ele tá dá a notícia e acabou. Você tem que aceitar aquilo. Você pode ter a opção de ligar pra lá e dar sua opinião. Isso é legal. Acho isso interessante.

Leonie: Mas você acha que isso tem bastante ou que poderia ter mais?

Gustavo: Poderia ter mais.

Leonie: Entendi. Mais interatividade, né.

Leonie: As notícias, assim como Gustavo falou, que eles dão a notícia. Vocês acham que as notícias poderiam ser mais discutidas? Assim, ter mais ponto de vista. Vocês acham isso?

Marcelle: Dependendo da notícia, sim, mas...

Jonatan: É, dependendo da notícia...

Marcelle: Muitas vezes eles falam do que está acontecendo. Quando é um lado político, sim, tem alguma coisa a discutir. Mas sendo acidente, essas coisas assim, não tem muito o que se discutir.

Leonie: Mas, por exemplo, é um acidente... Um grupo de jovens saiu, saiu de uma festa bêbados de madrugada, aí só dão a notícia.

Vanessa: Ah, mas esse tipo dá pra ter debate, porque cada um tem um tipo de opinião.

Leonie: Mas você acha que isso acontece, ou dá pra...

Vanessa: Depende do caso. Nem todas oferecem esse espaço pra debate.

Gustavo: Isso, às vezes, não é falta de conhecimento sobre a própria notícia que eles estão dando? Aí eles pensam, eu debater com alguém e não vou ter argumento, né. Aí eles devem...

Jonatan: Aí eles passam a notícia logo e vão logo pra outra. Também tem o lance do dinamismo na rádio, né.

Leonie: Vocês acham legal o dinamismo da rádio?

Jonatan: Sim. Se aquela notícia tiver que repetir, eles vão ter que repetir novamente.

Vanessa: Ah, mas tem várias maneiras de você repetir um assunto e botar dinamismo.

Leonie: E o que vocês mais gostam assim na rádio? Vocês gostam das programações, da músicas... Vocês acham, por exemplo, vocês ligam na Rádio Globo, por exemplo, é um certo tipo de notícia. Lá é um certo tipo de notícia que dependendo... o repórter, como é que é o nome dele? Daquele programa “não sei o que lá” da cidade.

Vanessa: Patrulha da cidade! (risos)

Leonie: Isso, Patrulha da cidade, da Tupi, quem já ouviu?

Elias: (dentre outros) Eu!

Edson: É policial.

Elias: É! É policial

Leonie: É uma maneira de dar notícia, mas uma maneira meio brincando, né, também com a notícia?

Pedro: E eles vêm com aquelas músicas lá deles.

Paulo: Eles encenam a notícia.

Leonie: É uma forma deles darem a notícia uma pouco diferente, por exemplo, da CBN, que dá as notícias a cada meia hora, repete a notícia, aquela coisa rápida. Várias notícias do Rio de Janeiro, as vezes, do mundo inteiro que eles tem uma parte com a BBC Brasil. Então, quais rádios vocês preferem. Vocês gostam mais tipo esses programas, como a Patrulha da cidade que encena, ou então que tenham um tempo maior para discutir alguns assuntos, ou tipo a CBN que dá várias notícias? Não estou falando que tem uma melhor e uma pior. São enfoques diferentes, e muitas vezes públicos diferentes que querem atingir. O que vocês acham?

Gustavo: Eu prefiro mais com discussão sobre os assuntos.

Ronaldo: Eu também prefiro a discussão também. É bom que tem várias visões.

Gustavo: Você consegue ter um ponto de vista mais ampliado, vê de fora aquela situação, não vê só pelo ponto de vista de quem fez a reportagem.

Leonie: Verdade. Até porque a comunicação tem a pretensão da objetividade, mas a pessoa que escreve sempre coloca um pouco da opinião dela. É que nem quando estão narrando um jogo de futebol... tão narrando Flamengo e Vasco, se ele é flamenguista e o flamengo faz um gol ele fica cinco minutos gritando gol e se o Vasco faz o gol ele grita “gol”. Isso vai muito da experiência da pessoa e da opinião dela também. Então, as vezes, realmente, tendo o ponto de vista das outras pessoas é uma maneira da gente criar o que a gente pensa sobre o assunto. Vocês conhecem de nome algum locutor específico...

Paulo: Mas também o apresentador do programa dando a opinião dele sobre a notícia acaba influenciando as pessoas que estão...

Leonie: Porque é uma pessoa que tem poder, né, de voz e acaba realmente influenciando. E vocês têm algum locutor que vocês gostam, preferem?

Jonatan: Paulinho Altunian.

Leonie: Você gosta do Paulinho Altunian?

Vanessa: Quem é essa figura?

Marcelle: Ricardo Gama da FM O Dia.

- Corte na fita

➤ Fita 2

Marcelle: Porque não tem mulher narrando jogo de futebol?

Vitor: É porque não sabe futebol. (risos)

Vanessa: Olha a discórdia!

Jonatan: A única que sabe de futebol é a Taissa Bravo. Aquela ali sim.

Leonie: Ah, mas é porque também é uma coisa de tradição. A maioria dos locutores... Nas rádios que vocês escutam tem muita locutora mulher? Não. De notícia ainda tem algumas, mas rádio de entretenimento, quase nenhuma tem locutora mulher. Na FM O Dia não tinha nenhuma mulher.

Marcelle: Na FM O Dia tinha a Adriana Rimmer, mas ela saiu.

Jonatan: Agora é quem/ A Viviane Tenório?

Marcelle: É, a Viviane Tenório com o Vitor Júnior.

Leonie: E voltando agora para as notícias, e quanto a locução, vocês acham legal, vocês acham que as vezes, por exemplo, uma coisa é quando a gente pega uma notícia no meio aí a gente vai a procura num outro lugar. Vocês acham que como as notícias são passadas pelo rádio atende a necessidade de vocês, às vezes vocês tem a vontade de procurar em outro lugar algumas notícias ou não?

Vanessa: É porque rádio não é visual. Na televisão eles não precisam descrever tanto porque as pessoas tão vendo, né. Já na rádio eles tem que falar mais, porque as pessoas tem que imaginar as cenas ou a situação, dependendo. Não sei.

Leonie: Então, o rádio é bom por isso né, que acaba dando mais...

Jonatan: Acaba dando mais visão para o cego.

Leonie: Então os pontos que vocês falaram que poderiam ser melhorados é de as notícias serem mais discutidas, não é isso? A voz do Brasil que ninguém agüenta...

Jonatan: Principalmente.

Leonie: Quanto a programação na rádio jornalística especificamente, vocês tem alguma coisa que acham legal ou não gostam? Vocês acham que eles repetem muito as informações, como por exemplo a CBN que de meia em meia hora repete as informações, ou algumas que ficam o dia inteiro sem repetir. O que vocês acham disso? Vocês acham legal?

Jonatan: Às vezes é bom repetir também A pessoa que perdeu o noticiário de 2 horas ela vai poder escutar às 3 horas da tarde. Seria uma boa, mas eu acho que poderia pelo menos variar um pouco, porque na CBN é aquele assunto sempre, não muda muito. Já na Band News eles fazem, mas eles fazem rapidamente e depois eles podem até repetir, mas não é tão chato como eles fazem na CBN.

Leonie: E vocês o que acham? Paulo você acha isso também?

Paulo: (sem graça) É sobre os que?

Jonatan: Tava dormindo, né? (risos)

Leonie: Tava comendo, né! Tudo bem.

Paulo: É que na Transamérica de manhã tem parte que dá notícia séria e tem parte que dá brincando, eu gosto. Qual é o nome/

Elias: Transnotícias.

Paulo: Aquele de 6 horas da manhã?

Elias: Transnotícias.

- Falatório.

Jonatan: O bom do Transnotícias é que eles vão fazendo uma avaliação da notícia séria, de notícia na base da brincadeira e eles tocam música pra pelo menos a pessoa não ficar tão presa naquele assunto. Eles vão lá, eles podem... E também tem aquele lance de trocar um pouco da rádio. Assim se a pessoa não quiser escutar aquela coisa ali eles podem lá trocar rapidinho e depois voltam.

Leonie: Eu li uma outra pesquisa que fizeram também sobre rádio falavam que as vezes atrapalha quando coloca música de fundo com letra, com locutor falando que fica a maior bagunça; ou isso não tem nada a ver, pelo o que vocês escutam isso não tem nada a ver?

Marcelle: Acho que não tem nada a ver não, senão fica uma coisa muito, sei lá, sem nada...

Jonatan: E tem aquilo, e também eles fazem isso pra... porque na CBN. Na BN as vezes eles deixam o telefone tocando dá pra perceber as vezes que o telefone ta tocando e tem alguém digitando ao lado, por isso que eles colocam as vezes a música de fundo pra não aparecer tanto o que as pessoas tão fazendo dentro do estúdio.

Leonie: Entendi.

Jonatan: Porque tem um monte de gente conversando enquanto o locutor ta dando a notícia. Tem gente passando alguma outra notícia do lado dele. Com a musiquinha não aparece tanto.

Leonie: Vanessa não tá falando nada. Vanessa ta só comendo que eu to vendo. Quanto tempo que eu não ouço você falar alguma coisa.

Vanessa: Caraça! Já falei a beça.

Jonatan: Não ouvi a voz do Edson.

Vanessa: É verdade.

Jonatan: Fala demais Aderbal. (risos) Fala, filho.

Edson: Assim, eu não gosto muito de notícia no rádio, mas gosto muito do programa do Wagner Montes, que esculacha bandido...

Leonie: Qual é esse programa?

Alguém gritou: É na televisão!

Leonie: Ah, sim, é na Record

- Falatório

Paulo: Eu gosto do esportivo do rádio. Eu ouço muito programa esportivo na rádio.

Jonatan: O que mais me interessa na CBN realmente é o esporte. Não, claro que a notícia também, mas o esporte principalmente.

Leonie: Muito bom. Então vocês tirando essas coisas estão satisfeitos com... Porque a intenção do trabalho é num segundo momento a gente levar isso pra realmente melhorar a comunicação.

Paulo: Eu acho que falta mais rádios.

Vanessa: É! Isso que eu ia falar. Hoje em dia ta tendo muita rádio pirata e principalmente a rádio evangélica. A gente fica sem muita opção. As rádios que a gente mais ouve é a FM O Dia, a 98, a JB, as rádios que... mas não é muito. Se for olhar o número de rádios que tem, tanto AM como FM, 70% é de pirata ou rádio evangélica.

-Falatório

Paulo: Acho que ta precisando mudar a programação sim.

Gustavo: Tem rádios piratas que não são ruins, só não pegam em qualquer lugar. Acho que é uma questão de...

Vanessa: Ah, é ruim sim. Eles vão lá, botam uma música, as vezes a música repete, fica na mesma o tempo todo.

Marcelle: As rádios piratas costumam colocar os CDs dos cantores inteiros.

Jonatan: Precisa de mais ou menos quanto pra tem uma rádio?

Leonie: Quanto de dinheiro?

Jonatan: É

Leonie: Eita, depende. Que geralmente, assim, a maioria das grandes rádios faz parte de um grande sistema de comunicação, como a CBN, a Band News. Muitas se sustentam também das promoções, por exemplo, quando tem a promoção de um cantor, geralmente o cantor dá o brinde ou as vezes até paga alguma coisa pra ter o nome dele sempre veiculado na rádio. Depende, tem rádio comunitária também, que o problema é vocês conseguirem os equipamentos. Mas se você fizer uma projeto, por exemplo, que tem vários lugares que tem uma verba para apoiar projetos. Fala Ronaldo.

Ronaldo: Como é que anda essa história das rádios digitais?

Leonie: Ela ta um pouquinho mais atrasada que a tv digital. A tv digital ta começando ainda a ser implantada e a rádio digital vem pelo mesmo caminho.

Ronaldo: Eu pensei que ia ser primeiro o rádio.

Leonie: Mas a tv também, assim, já escolheram o formato, mas vai ser uma mudança gradual. Primeiro que vai ter que mudar muitas aparelhagens de gravação da imagem e do som.

Eleias: MA também tem umas rádios que falam assim pra você ligar pra lá, mas o telefone só dá ocupado. Por exemplo, quando a Mix entra aquela parte de São Paulo, você liga pra lá e sempre dá ocupado.

Marcelle: Ah, eu já liguei pra rádio.

Paulo: tem rádio que toca música o dia inteiro, nem tem programação direito.

-Falatório

Marcelle: Jonatan. Uma vez eu queria uma coisa aí eu pedi para o Jonatan e para o Cícero.

Jonatan: Ela é tão chata que eu fiquei ligando de 8 até as 10.

Marcelle: E eu também.

Gustavo: As vezes pra ligar pra essas rádios tem vários telefones.

Marcelle: Não, porque tipo assim, eu pedi pra ele pra conseguir uma coisa pra mim, aí ficou eu, ele e Cícero ligando. Eu consegui, mas não foi, tipo assim, eu consegui ligar, mas não foi o que eu queria. (risos) Estou frustrada.

Jonatan: Mas ela...

Marcelle: Cala a boca, Jonatan!

Jonatan: Ele usou da cegueira. Ele ganhou...

Marcelle: Jonatan, Jonatan

Jonatan: Não, deixa eu falar.

Marcelle: Jonatan

Jonatan: Vou ter que falar

Marcelle: Mas não foi dessa vez, não

- Risos

Jonatan: Você percebeu que ela já usou, né.

Marcelle: Foi no show do Belo, foi quando eu fui no show do Belo.

Jonatan: O pessoal se entrega, ta vendo.

Marcelle: Você foi me entregar aí eu contei logo.

-Falatório

Leonie: Então, gente, vocês tem mais alguma coisa, algumas coisa que vocês queiram falar sobre a comunicação, sobre o rádio. Sobre qualquer temas que nós conversamos e vocês acham que tem mais pra falar.

Paulo: Eu acho que algumas rádios FM têm que ter um pouco mais de programação.

Leonie: Programações variadas, né.

Gustavo: Existe rádio que conta piada?

Elias: Acho que só na Internet.

Leonie: Rádio que conta piada o dia inteiro?

Vanessa: Ah, não exagera.

- Falatório

Leonie: Tem programas que citam piadas

Vanessa; É, que vai e conta uma piadinha sem graça...

Gustavo: Tem uma rádio não sei aonde que tem...

Vanessa: Qual é aquela do Musson?

Marcelle: Na Mix?

Vanessa: É na Mix. Aquela piadinha sem graça.

Marcelle; Sou mais aquela do Pimpolho.

Jonatan: Doutor Pimpolho

Edson: É maneiro.

Jonatan: Vai se fu...

Vanessa: Ah gente, é ridículo cara, fica xingando um monte de palavrão...

Leonie: Mas, Gustavo, rádio que toque piada direto aqui eu não conheço não. Pode ter na Internet um *pod cast*.

Gustavo: Na Internet eu sei. Ma falaram uma vez que tinha eu pensei...

Câmera: É uma rádio do Ceará. Existe sim. É um cara que tem uma programação piada e trote, mas é no Ceará.

Gustavo: É...

Leonie: É mesmo do Musson, eu acho.

- Falatório

Leonie: Então, meninos e meninas, mais alguma coisa? Podem ficar a vontade.

Gente, é o último momento que vocês tem pra falar o que quiserem.

Jonatan: Ih. O último momento. O silêncio.

Leonie: Com relação ao trabalho, a informação, qualquer outro meio de comunicação, vocês querem falar alguma coisa? É o momento, porque a intenção é levar esse trabalho pras emissoras e vê se a gente consegue, através de algumas pesquisas, melhorar algumas coisas. Até porque, quem dá audiência pra eles é a gente que escuta. Por isso é bom a gente mostrar pra eles que não ta do jeito que a gente quer, que pode ser melhor.

Marcelle: Tipo assim, eu acho que nem é tanto de rádio, mas em relação a Internet. Às vezes, os sites não são muito acessíveis. Têm muita figura, essas coisas assim. Aí tem coisa que a gente viaja muito e até mesmo se informar de alguma coisa fica muito vago.

Leonie: Vocês acham isso? Vocês tão quietinhos.

Gustavo: Eu não sei se eu não enxergasse como eu faria pra acessar a Internet que nem eu acesso, assim enxergando, né.

Marcelle: É que a gente fica meio sem...

Leonie: Qual é o programa que vocês usam de computador?

Marcelle: É o Jaws

Jonatan: Ele lê a tela.

Vanessa: Mesmo assim é complicado, você sempre vai ter... Porque quem enxerga tá olhando o mouse e vai olhando tudo na tela. A gente não. A gente tem que ir seta por seta, seta por seta. Aí mesmo assim você passa por tudo e ele não leu aquilo. Nunca é completo.

Leonie: E tem site que não tem isso, né. Você tem que disponibilizar o conteúdo em um outro formato, não é? Você falou alguma coisa Gustavo e eu te cortei.

Gustavo: Não, é que... É o que ela tava falando né. Você consegue ter uma visão da coisa toda, né.

Ronaldo: Pra você ouvir o rádio on line as vezes é um pouco difícil porque você tem que clicar com o mouse no botão de play. E isso pra gente não dá.

Leonie: As vezes a gente fica ouvindo muito na televisa, que ah que a acessibilidade, já tá maravilhoso, parece que tá tudo muito bem, né. E acho que só quem vive, só quem precisa desse recurso constantemente é que sabe os problemas que tem. É o que eles dizem, a inclusão digital, tá tudo junto. Não adianta só ter o programa se ele não funciona direito, se as pessoas não querem ajudar, né. E aí? Vocês estão bons agora no final.

Edson; Olha o Jonatan aqui roncando.

Jonatan: Claro tá o maior silêncio.

Vanessa: Acho que a televisão também tá precisando melhorar muito.

Marcelle: É, a tv tá muito chata.

Leonie: Tv aberta, né.

Marcelle: Novela é tudo igual

- Falatório

Vanessa: Porque você já sabe toda a programação: de manhã é desenho, depois um jornal, depois não sei o que...

Gustavo: Depois vem filme antigo, depois é novela.

Vanessa: Malhação que é um porre.

-Falatório

Gustavo: Programação da televisão é aquele negócio: de manhã tem aquele jornalzinho, depois vem desenho, desenho, desenho, outro jornal, filme velho e depois novela e jornal de novo.

Vanessa: E detalhe é aquela notícia também assim a polícia invadiu a favela, pessoas executadas, só.

Gustavo: Eu gosto mais do jornal do SBT. Eles perguntam, fazem entrevista.

- Falatório

Vanessa: A Globo você passa um pano assim e sai até uma gotinha de sangue.

Gustavo: A Globo parece querer manipular as coisas.

Vanessa: E domingo então, você ver programação domingo.

Leonie: Faustão a tarde inteira!

- Falatório

Gustavo: Dá vontade de chorar

Leonie: Então, meninos, é isso? Alguma objeção? Não? Então antes da gente sair, eu tenho uma pesquisa que tenho que fazer com vocês. Aí eu vou perguntando de um por um. Vocês podem esperar só um minutinho?

- Imagens eu entrevistando cada participante e eles conversando.

APÊNDICE D

Transcrição segundo grupo focal
Instituto Benjamin Constant
Dia, 02/06/2009

- Turma bem agitada e conversando bastante

Leonie: Já que você são da mesma turma, e pelo visto se conhecem muito bom, vamos pular a parte da apresentação. Pra começar eu gostaria de saber quais os meio de comunicação vocês costumam mais usar, se é televisão, se é a Internet.

- Todos começam a responder ao mesmo tempo.

Leonie: Calma gente. Eu gostaria que vocês falassem mais ou menos em ordem, pra eu conseguir ouvir a resposta de cada um. Alessandro...

- Muito falatório.

Alessandro: Posso falar?

Leonie: Pode.

Alessandro: Eu costumo usar o rádio, a Internet e só.

Leonie: E você, Henrique?

Henrique: Eu costumo usar o rádio, a televisão e só. E a Internet.

Leonie: E você, Luan...

Luan: Eu costumo usar Internet e fax.

Todos: fax?

Luan: É, quando vou ao banheiro.

- Risos

Leonie: E você, Diego?

Diego: Televisão, rádio, Internet... Tudo praticamente, mas fico mais tempo na Internet.

Leonie: E você, Pedro?

Pedro: Internet e televisão.

- Risos

Leonie: Tamires?

Tamires: Internet só pra fazer pesquisa mesmo...

Todos: Hum...

Tamires: Eh, rádio. Ah, e só.

Leonie: E você Maressa?

Maressa: Ah, televisão e rádio só.

Leonie: É? E você, Luciano?

Luciano: Ah, Internet e rádio. Eh, Internet e rádio de novo...

- O telefone de Luciano toca

Luciano: Ah!

Maressa: Eu sei quem é.

Luan: Isso não pode acontecer em entrevista não.

Tamires: É a comunicação.

- Falatório

Leonie: Então, gente, eu queria saber, já que a maioria aqui utiliza os meios de comunicação, vocês costumam ouvir rádio, com qual frequência vocês costumam ouvir? Mas pensando na rádio de notícia.

Alguém fala: Então é Globo.

- Falatório

Leonie: Gente, peraí! Um de cada vez senão eu me perco. Vamos tentar manter sempre na ordem, então.

Luan: Alessandro!

Alessandro: Bom, eu costumo ouvir a Tupi, a Globo e a CBN.

Leonie: E você, Henrique?

Henrique: Eu costumo ouvir a Tupi, a Globo, a CBN e a Manchete.

Diego: Manchete? Existe essa rádio?

Henrique: Existe.

Leonie: Tem futebol também...

Henrique: Tem a Band News também.

Leonie: E você, Luan?

Luan: Eu só a Tupi.

Luciano: Tupi, Tupi.

Luan: Se for pra ouvir programa assim de notícia só a Tupi mesmo.

Leonie: A Patrulha da Cidade...

Luciano: Maneiro, maneiro, agora dá pra ouvir na FM.

Diego: Dá?

Leonie: E você, Diego?

Diego: Eu vejo mais a Tupi mesmo. É mais falada.

Leonie: E você, Pedro?

Pedro: Eu não ouço rádio não.

Leonie: Tamires...

Tamires: Globo.

Leonie: E você, Luciano?

Luciano: Notícias, assim, eu pego mais na Internet. Eu to sempre lendo coisas no Wikipédia... Notícias mais na Internet.

Leonie: E vocês que costumam ouvir rádio, vocês... aham... que o rádio é uma boa maneira de obter informação...

Henrique: Com certeza.

Leonie: O que vocês acham?

Luan: Eu prefiro televisão, eu prefiro a televisão.

Henrique: O rádio informa mais, comunica rápido...

Alessandro: Eu prefiro mais o rádio que a televisão. A notícia chega mais rápido.

Henrique: É verdade.

Luciano: Eh, assim, o rádio é um ótimo meio de informações, né, pras pessoas que não enxergam. Porque é aquilo, o cego sempre tem que ter uma forma de ter um rádio consigo, ou um MP3 ou um celular... Mas tem que ouvir rádio.

Luan: Essa é uma das doideiras do cego mesmo, ficar no pátio ouvindo rádio.

Henrique: Eu gosto muito de ouvir rádio.

Luciano: Ah, eu também.

Leonie: E vocês gostam da linguagem do rádio, da maneira como eles dão as notícias?

Luan: Eu gosto do David Brasil. O David Brasil é muito engraçado.

Luciano: Eu acho legal, pô.

Henrique: Principalmente na Tupi e na... que são rádios super legais.

Luciano: Eu gosto de ouvir a Patrulha da Cidade.

- Falatório

Alessandro: Eu gosto do Roberto Canásio.

Luan: E aquele "José Carlos Araújo..."

Henrique: “Sou eeeeeeu”

Leonie: Vocês conhecem, assim de nome, alguns locutores?

Henrique: Luiz Penido

Luan: Tu conhece ele? É teu parente porque eu não conheço! (risos)

Luciano: O Luiz Penido é o líder do futebol na Tupi.

Diego: Esse cara é maneiro, aí!

Henrique: O Washington Luiz, o Apolinho...

Leonie: E vocês que gostam de ouvir rádio, que acham um veículo legal, a minha intenção com esse trabalho também é apontar alguns problemas que vocês vêem na comunicação do rádio. Então eu queria saber se vocês têm alguma coisa. Pode ser em relação a programação, mas com enfoque na rádio de notícia. Que tipos de problemas vocês acham que têm? Que cada rádio tem uma maneira diferente de informar.

Alessandro: Eu acho que a Rádio Globo, não sei se é por causa da frequência, mas às vezes ela fica chiando muito, some um pouco, ...

Luan: Parece que fica dando interferência, né.

Henrique: Principalmente à noite.

Luan: Dá muita interferência. Aí eu não entendo nada.

Alessandro: Mas na Tupi é melhor...

Luan: Porque é limpinho o som...

Alessandro: É simultâneo, é digital, né.

Henrique: A CBN também.

Luciano: A CBN tá morrendo.

Leonie: A CBN tá o que?

Luciano: Ta morrendo.

- Risos

- Falatório

Luciano: Eu sou cadastrado num site, e assim... Se chama “Tributo ao rádio”. E lá a gente sempre tem muitas informações...

Henrique: Maneiro isso aí.

Luciano: Hã?

Henrique: Maneiro isso aí.

Luciano: Aham. Entendeu. Assim, a questão... Eu tava lendo esse final de semana que a CBN está lutando para se manter aí, porque ta caindo a audiência.

Leonie: Ah é? Porque assim... As rádios têm maneiras diferente de informar, por exemplo a Globo e a Tupi debater um pouco mais as notícias, já a CBN e a Band News têm uma outra linha que é de dar várias informações ao mesmo tempo.

Henrique: A manchete também é que nem a Globo e a Tupi.

Leonie: É. E qual o estilo que vocês preferem mais as rádios que debatem um pouco mais sobre as notícias ou as que dão mais notícias num menor espaço de tempo?

Henrique: E prefiro debate...

Todos: Eu prefiro debate...

Leonie: E em relação a programação da rádio, por exemplo, vocês gostam?

Henrique: Eu acho que a AM deveria tocar um pouco mais músicas às vezes.

Luan: E músicas que estejam tocando agora, pô. Só toca música antiga.

Diego: Mas música antiga que é bom.

- Falatório

Leonie: Você ouve mais AM, Henrique?

Henrique: Aham. Eu ouço mais AM. Pra ficar mais informado, né.

Alessandro: Mas a AM na madrugada toca música, cara.

Luan: E aquela Rádio MEC.

Alessandro: Nossa, cara.

Henrique: Essa dá pra ouvir música.

Leonie: E “A voz do Brasil”. Vocês gostam de ouvir “A voz do Brasil”?

- Falatório

Diego: Rádio de político, político.

Alessandro: Eu gosto do início, do começo dela que começa a tocar uma música de capoeira legal.

Leonie: Peraí, gente, um de cada vez. Fala, Luciano.

Luciano: Uma pergunta. Alguém escuta “A voz do Brasil”?

Alessandro: Eu escuto o começo dela, cara.

Luciano: Eu to falando a programação em si.

Henrique: Eu acho que deveria acabar com “A voz do Brasil”, porque essa hora o pessoal quer informação e não tem, quer ouvir sobre o trânsito no rádio e não tem.

Luciano: É verdade, eu também acho.

Tamires: Ah, mas informação nunca é demais...

Maressa: Mas é muito chato.

Tamires: Ah, eu não acho. Eu gosto.

Diego: Tu quer ouvir de político? De como eles “robam” o nosso dinheiro?

- Falatório

Tamires: Mas não fala só sobre político não, gente.

Alessandro: É, fala sobre o sem-terra...

Henrique: Tem também a Rádio Senado...

Diego: Fala sobre política.

Henrique: Fala sobre leis lá...

Diego: Leis que vai demorar uns 200 anos.

Henrique: É verdade.

Tamires: Ah, mas as informações mudam.

Diego: Eu não gosto dessa rádio.

Alessandro: Que rádio?

Henrique: Que rádio?

Alessandro: Não é rádio não.

Henrique: Tem a Rádio Senado. É rádio.

Alessandro: Ah, pô, mas...

Henrique: Rádio Senado, Rádio Câmara...

Leonie: E em relação a quantidade de emissoras de rádio. Vocês acham que tem bastante, você que ouvem e gostam de ouvir...

Henrique: Eu acho que na AM tem pouco. Tem a Globo, a Tupi e a Manchete que prestam.

Luciano: Ah, a rádio JB também presta, não fala mal dela não.

Henrique: Qual?

Luciano: A JB.

Henrique: Não. Eu to falando de AM.

Luciano: Ah tá, de AM.

Henrique: Ah, na FM a JB é boa, a FM O Dia, a Oi...

Luciano: Não, a FM O Dia é ruim. Olha só, eu acho também que a Rádio Metropolitana devia para de passar aqueles programas de macumba... (risos)

Henrique: E a Rádio Rio de Janeiro também.

Leonie: É porque tem muitas rádios específicas, né, religiosas...

Henrique: Alguém pode me dizer o que aconteceu com a Rádio Mundial? Tava boa a programação aí de repente sumiu...

Alessandro: Sumiu.

Henrique: Tem uns programas evangélicos agora, e tal.

Leonie: É, devem ter vendido, né.

Alessandro: Ah e a Band News fica repetindo direto a a

Henrique: A notícia.

Alessandro: As notícias, cara. Repete pra caramba.

Leonie: A Band News:

Alessandro: Aham.

Henrique: É notícia diferente a cada minuto, não pode mudar.

Alessandro: É, a CBN dá bem mais notícias.

Luciano: “Em 20 minutos tudo pode mudar”.

Alessandro: É.

Leonie: Vocês costumam ligar pras rádios?

Luan: Eu não, vou gastar meus pulsos? (risos)

- Falatório

Luan: Eu já pedi música pra Mix.

Marissa: Mas eles tocaram a sua música?

Luan: Tocaram.

-Falatório.

Leonie: As melhorias, então, é isso que vocês acham. Não tem nada mais que possa melhorar, em relação a programação, a quantidade de rádios, a locução mesmo? O que vocês acham?

-Falatório

Luciano: Eu acho que até aqui deveria ter uma rádio de notícia.

- Falatório

Leonie: Oi, Luciano?

Luciano: Eu acho que até aqui no colégio deveria ter uma rádio de notícia. (risos)

Luan: É o “Visando”. (risos) Já tem o jornal “Visando”. Rádio a gente pode criar, ué.

Henrique: A gente funda uma rádio aqui...

Luan: “As polêmicas do Benjamin Constant”.

Henrique: Aí a gente dava as fofocas nos programas.

Luciano: E música.

Leonie: E quando vocês ouvem uma notícia no rádio, que vocês gostam e que acham interessante, vocês costumam procurar em outros lugares depois?

Diego: Sim.

Luciano: Sim, sim, sim.

Henrique: Pra ter mais notícias.

Luan: Pra ver as imagens também.

Henrique: Procura a televisão ou o rádio pra confirmar.

- Falatório

Henrique: Esse assunto do avião que caiu, eu fiquei sabendo pela Tupi. Eu liguei o rádio na segunda-feira de manhã e tava falando.

Luciano: Isso aí eu fiquei sabendo hoje e vou procurar na Internet, até porque é de aviões. Eu gosto.

Luan: E você vai desistir de pilotar, né.

Luciano: Não vou não.

Maressa: Não, ele vai ser co-piloto.

Luciano: Eu não vou desistir nunca.

Luan: Ele vai ser aeromoço

- Falatório

Leonie: Então, só pra eu ter aqui como tópico, as melhorias que vocês falaram era... Ele reclamou da AM, né, que chiava muito; "A voz do Brasil"

- Falatório

Leonie: Em relação a programação vocês têm alguma coisa...

- Falatório

Leonie: A Band o que?

Alessandro: A Band News tem que mudar aquele negócio de ficar repetindo toda hora...

Henrique: Só tem notícia direto!

Leonie: Vocês acham que essas... Vocês falaram também que preferem as rádios que discutem, que debatem mais, né.

Todos: Aham. Com certeza.

Luciano: "Debates populares".

Leonie: O Pedro tá quieto lá. E sobre a Internet, qual é a sua opinião?

Pedro: Na Internet só fico no MSN. (risos)

Leonie: Só fica paquerando o dia inteiro no MSN. (risos)

- Falatório

Leonie: Pra vocês as únicas melhorias seriam chiado da AM, "A voz do Brasil", as rádios debaterem mais...

- Falatório

Luan: E quando a rádio fala assim, tipo " O helicóptero não sei da onde tá sobrevoando..." aí tá aquele barulho tututututututututututu. O helicóptero filmando lá o que aconteceu, tipo bateu um carro no outro, aí o cara tá lá tutututututututu no helicóptero fazendo barulho e fica a interferência. Eu não escuto nada.

Luciano: Isso acontece muito com notícia do trânsito.

Alessandro: Ainda mais na Globo.

Luciano: Na JB também.

Leonie: E quando vocês querem procurar mais notícias na Internet como é que vocês utilizam?

Diego: Site.

Luan: www ponto...

Luciano: Google

Luan: Ponto com

Luciano: Com o Jaws.

Leonie: E pra quem tem baixa visão vocês usam o que?

Luan: Working Fox 186.

Leonie: Quem aqui tem baixa visão?

Luan: Eu.

- Diego também levanta o braço.

Pedro: Todo mundo.

Tamires: Não, tem 4 cegos.

Leonie: Quem são os cegos? Cego total

- Alessandro, Henrique, Maressa e Luciano levantam o braço.

Luan: E agora quem é meio cego?

- Luan levanta o braço. Diego, Pedro e Tamires também.

Luan: Quem quase enxerga? O Pedro.

Tamires: Por quê?

Luan: Porque o Pedro enxerga letra pequena.

- Falatório

Tamires: Quem enxerga melhor?

Maressa: é o Pedro.

Luan: É o Ivan, que não veio.

Leonie: E em relação, por exemplo, aos que são cegos, vocês usam quais programas pra lerem as notícias na Internet?

Luciano: A gente têm um sistema operacional que é o DOSVOX e temos também o leitor de tela, que a gente trabalha no próprio Windows e ele lê a tela pra gente chamado JAWS. Aí assim a gente faz, assim, quase tudo que é possível fazer no computador.

Leonie: Entendi. E vocês costumam ter facilidade através desses programas a acessar a maioria dos sites?

Luciano: Assim, mas... Pra navegar na Internet por JAWS é o melhor, porque a Internet pelo DOSFOX é muito limitada.

Leonie: E vocês o que acham? Alessandro, Henrique...

Alessandro: Eu faço do Luciano as minhas palavras.

Henrique: Eu também.

Leonie: Então, gente, eu acho que é isso, né.

Diego: Heeeeeee.

Leonie: Eu tenho só mais umas perguntas a fazer pra vocês...

Luan: Individual?

Leonie: É, mas não é nada demais.

APÊNDICE E

Transcrição terceiro grupo focal
Instituto Benjamin Constant
Dia, 02/06/2009

Natália: Meu nome é Natália, e eu tenho 19 anos. Cheguei aqui em 2007. Faço massoterapia, to acabando drenagem linfática, e espero entrar bem no mercado de trabalho. Essas são as minhas expectativas.

Leonie: Tomara. Vai sim. E você Augusto?

Augusto: Eu sou Augusto, tenho 24 anos. To fazendo curso de informática, aprendendo a andar com bengala, ah, no artesanato. Assim, até então eu não tenho nada assim de nenhum plano pra mercado de trabalho, que antes deu chagar aqui eu achava que não servia pra nada, né, e agora que eu to descobrindo outros caminhos, né. Aprendendo tudo de novo, aí vamos ver, né...

Leonie: Ah, porque você adquiriu depois de nascer.

Augusto: Não, tem 2 anos e meio que eu perdi a visão, né.

Leonie: Ah, então até 2 anos e meio atrás você enxergava normal.

Augusto: É. Isso enxergava. Trabalhava...

Leonie: Então você está no processo de adaptação, né, de reabilitação.

Augusto: Isso.

Leonie: É, e quantas pessoas têm aqui fazendo cursos, correndo atrás de sua objetivos. O seu caso foi acidente ou outra coisa?

Augusto: Meu caso foi a diabete, né. Aí eu entrei quase em coma, fiquei um mês no CTI e quando eu acordei já não tava vendo mais. Tava tratando da outra vista, e aí quando eu fui pra fazer os exames de novo, a que eu tava tratando o médico disse que não tinha mais jeito. Começou a mexer na outra a também não deu pra salvar nada. Fiz um monte de cirurgia... Aí to assim há um tempo... Já tem uns três meses que ele me deu o laudo final, né. Aí agora eu tenho que ta acompanhando pra cuidar dos olhos. Não da visão, dos olhos pra não ter outros problemas.

Leonie: Entendi. E você, Natália, já nasceu sem enxergar?

Natália: Não, na verdade eu nasci com um problema chamado hidrocefalia e eu tinha atrofia no nervo ótico. Então, dessa hidrocefalia, graças a deus, deus me curou disso e restou este problema que é a atrofia no nervo ótico, que é o meu problema atual.

Leonie: Mas você enxerga alguma coisa.

Natália: Enxergo, enxergo.

Leonie: Ah ta. E você, Thiago? Fala um pouquinho pra gente o que faz você faz aqui, o que você tem plano de fazer...

Thiago: Olha, meu nome é Thiago, tenho 23 anos, entrei aqui no Instituto já bem pequenininho, com 3 anos. Aí, depois, saí, fiquei uns anos, não deu certo. Voltei e concluí o meu estudo. Aí fiz a reabilitação também, fiz informática aqui, fiz "OM", fiz natação... e agora estou no centro de convivência. Estou fazendo também um curso de informática. O meu objetivo é seguir no mercado de trabalho, ter uma profissão, é uma...

Leonie: Você também é baixa visão, né, ainda enxerga alguma coisa.

Thiago: Bem, para o oftalmologista eu não sou baixa visão.

Leonie: Não?

Thiago: Não. Pra mim eu tenho, eu sou baixa visão porque eu ainda tenho um resíduo de visão. Entendeu?

Leonie: Agora que a gente já se conhece um pouquinho eu queria saber, já entrando um pouquinho no nosso bate papo sobre a pesquisa, todos nós temos sobra maneira de obter informação, qual o melhor meio que vocês têm hoje de meio de comunicação. Porque têm vários meios, tem a televisão, tem o rádio, tem a Internet. Qual o veículo de comunicação que vocês costumam usar?

Natália: Bem, eu não uso muito a Internet, porque eu não consigo instalar lá em casa o programa que aumenta as letras. Ah, é mais televisão e rádio mesmo.

Leonie: É nessa ordem?

Natália: É.

Leonie: E você Augusto?

Augusto: Eu também não tenho muito acesso a Internet, né. Então o meu meio de comunicação mais é o som e a televisão.

Leonie: Som que você diz é o rádio ou a música?

Augusto: Os dois, né. Tem muita música de diz o que está acontecendo hoje em dia. São esses dois mesmo.

Leonie: E você, Thiago?

Thiago: Eu vou mais por televisão e por rádio, porque eu ainda não consegui instalar o programa no meu computador, né. Então é mais por rádio e por televisão. Até porque o rádio é mais acessível para nós, é mais rápido nas notícias, ele é mais dinâmico.

Natália: Quando eu saio cedo eu gosto de ver a televisão porque eu sei o roteiro... Se a Brasil estiver ruim ou vou de trem, se o trem tiver ruim eu vou de ônibus. Só que o rádio é melhor porque pega na hora, o que ta acontecendo já fica sabendo.

Thiago: O rádio chega primeiro, a televisão chega depois. O rádio a gente já sabe automaticamente de tudo, né. É notícia em primeira mão. Além de ser mais rápido, mais completo, mais dinâmico, ele dá a notícia toda.

Leonie: Com qual frequência vocês costumam ouvir o rádio.

Natália: Eu atualmente não tenho tido muito tempo pra ouvir não.

Augusto: Eu escuto sempre. Todos os dias de manhã quando eu não saio eu ouço o rádio.

Leonie: Vocês gostam de maneira de como o rádio informa, a maneira como eles dão as notícias, o que que vocês acham, da linguagem que eles utilizam?

Thiago: Eu acho o rádio mais claro.

Natália: E a linguagem é bem mais fácil também de ser entendida por todo o tipo de público.

Thiago: Ele já abrange, assim, uma camada maior, o público já é mais objetivo. Eu acho o rádio mais claro. Ele vai direto ao ponto.

Leonie: Além desses pontos bons que a gente sempre que o rádio dá mais notícia, notícia em última hora... A gente sabe também que o rádio tem os seus problemas. Quais os problemas que vocês acham que o rádio tem, que vocês acham que poderia melhorar e atender melhor a necessidade de comunicar? Alguma coisa da linguagem que não tenha atendido, da programação ou, por exemplo, as emissoras de notícia. Têm emissoras como a CBN que de meia em meia hora repete as principais notícias, e tem as rádios como a Rádio Globo que desenvolvem um pouco mais as notícias. Vocês acham que as notícias no rádio são dadas de uma maneira boa?

Natália: Eu gosto muita das rádios que discutem um pouco mais sobre os assuntos.

Augusto: O rádio poderia ter assim um telefone que a gente opinasse no assunto para ser mais debatido. Pra quem não tem acesso a Internet poderia ligar e pedir um assunto que a gente quer mais ouvir.

Leonie: Criar uma certa interatividade, né.

Augusto: Isso.

Thiago: Entre o público e o programa.

Augusto: O problema também é que o tempo é curto; as que oferecem a gente não pode falar muito.

Thiago: Não tem muita liberdade. Porque quem manda não é o locutor que manda, é a produção que manda. Porque na voltagem AM tem muita reportagem na rua aí não pode alongar muito porque aí passa o tempo e o repórter que tá lá não vai poder falar.

Leonie: Mas isso é bom ou é ruim.

Todos: É ruim

Leonie: Porque não quer dizer que seja assim que seja bom.

Thiago: Pra mim, tinha que ter mais interatividade entre o ouvinte, o locutor e a rádio, né. Mas é difícil, porque rola dinheiro.

Augusto: E o que eles querem é a audiência. Quanto mais ligarem melhor. Aí a gente deixa de saber alguns detalhes por causa dessa audiência que eles querem.

Leonie: O que você acha, Natália, você que está quietinha?

Natália: Eu concordo com eles, teria que ter mais espaço, sim pra que as pessoas pudessem participar. E em relação a FM eu acho, não tenho nenhuma reclamação assim de primeira instância.

-Interrupção

Leonie: Então, gente, vamos ter que encerrar por aqui. A gente não sabia que iriam acontecer esses contratempos todos de lugar e de pessoas, mas muito obrigada.

